

Construindo um novo olhar

Uma experiência de formação de
adolescentes para a prevenção e
erradicação do trabalho infantil no Recife

Ficha técnica

Consultoria na elaboração da publicação

Renatto Pinto

Revisão técnica

Renatto Pinto

Edição

Ana Veloso e Carla Denise

Pesquisa e redação

Renatto Pinto

Planejamento e realização das oficinas de formação

Katrien Van Deun, Jeroen Vanhee e Renatto Pinto

Adolescentes que participaram do projeto

Adriano Jailson dos Santos, Ana Célia dos Santos Gomes, Ana Lúcia dos Santos Gomes, Cátia Neves, Cíntia Lucindo da Silva, Cleiton Ferreira da Silva, Eleane Sara de Lima, Emerson José de Castro, Fernanda Pereira da Silva, Glayce Kelle da Silva Sales, Henrique Barros da Silva, Hosana Soares da Silva, Jaqueline Soares da Silva, Jéssica Avelina da Conceição, Jéssica Kely Moreira da Silva, Joana D'Arc Melo de Lima, Jucicleide Lima da Silva, Juliana Ribeiro Alves, Jaqueline Pinheiro Campos, Kamila Vanda Rodrigues, Leandra de Santana Ramos, Leandro de Araújo Andrade, Lílian Thaynan Santana de Oliveira, Lucicleide Severina Silva, Luzia Figueira Costa, Marcelino José Medez de Carvalho, Márcia Cristina da Silva Barbosa, Maria Eduarda Gomes e Silva, Maurílio Demétrio da Silva Barbosa, Patrícia Santos da Silva, Pedro Henrique Celestino Ferreira, Rafaela Mirielen Martins dos Santos, Sueny Gomes Pimentel, Suzane Ribeiro de Souza, Tácia Maria Felipe de Souza, Taciana Bezerra de França, Tâmara do Nascimento Ferreira da Silva, Verônica Bernardo da Silva, Wellesson Farias dos Santos, Wellizângela Farias dos Santos.

Agradecimentos

Secretaria da Política Municipal de Assistência Social, Prefeitura da Cidade do Recife, Bemfam, Sinttel, Agência do Trabalho do Governo do Estado, Casa de Passagem, Reserva Ecológica Charles Darwin, Fábio Caio, Luiz Santos, Felícia Mendonça, Rivane Arantes, Bernardeth Gondim, Maria da Conceição Barbosa de Aguiar (Manina), Roberta Spinelli, Associação de Moradores da Vila dos Milagres, Associação de Moradores do Novo Caxangá, Escola Estadual Divino Espírito Santo (Caxangá), Escola Estadual Cristiano Cordeiro (UR2), escolas estaduais Helena Pugó e Hugo Gerdau (San Martin), Escola Antônio Farias Filho (San Martin), Clube de Cabos e Soldados (San Martin), Escola São Judas Tadeu (Campina do Barreto).

Equipe técnica do projeto Adolescentes Trabalhadoras Domésticas Agentes da Cidadania (Agentes Guerreiros da Cidadania)

Katrien Van Deun, Jael Cristiane de Lima, Jeroen Vanhee e Renatto Pinto

Apoio

Save the Children (Reino Unido), Fundo de Amigos Belgas, Volens Itinerans

Centro Dom Helder Câmara de Estudos e Ação Social (Cendhec)

End.: Rua Gervásio Pires, 921 - Boa Vista - Recife/PE
CEP: 50.050-070

Fones: (81) 3231 3654/ 3222 0378

Internet: cendhec@terra.com.br

CENTRO DOM HELDER CÂMARA DE ESTUDOS E AÇÃO SOCIAL

Construindo um novo olhar

Uma experiência de formação de
adolescentes para a prevenção e
erradicação do trabalho infantil no Recife

C397c CENTRO DOM HELDER CÂMARA DE ESTUDOS
E AÇÃO SOCIAL.
Construindo um novo olhar / Centro Dom Helder
Câmara de Estudos e Ação Social. _ Recife: CENDHEC,
2005.
.. p.
ISBN - 85-89162-03-6
I Assistência Social II Ação Social I CENDHEC
II Título

CDU 361.2

Recife
CENDHEC
2005

Apresentação



Fundado em 2 de novembro de 1989, o Centro Dom Helder Câmara de Estudos e Ação Social (Cendhec) é um centro de defesa dos direitos humanos, com sede na cidade do Recife, tendo sido criado por membros destituídos do colegiado e do Setor Jurídico da Comissão de Justiça e Paz da Arquidiocese de Olinda e Recife, e professores e alunos do Instituto de Teologia do Recife, além de militantes dessa causa.

O Cendhec atua na defesa, promoção e controle dos direitos de crianças e adolescentes, como também no direito à moradia em assentamentos populares urbanos. Para tal, desenvolve dois programas: o Programa de Promoção e Defesa dos Direitos da Criança e do Adolescente (DCA) e o Programa de Direito à Cidade (DC). Em ambos, o Cendhec busca o fortalecimento da sociedade civil, para que os direitos individuais e coletivos sejam garantidos.

Nesses 16 anos de atuação, vem seguindo a linha ideológica norteadada, em vida, pelo arcebispo emérito de Olinda e Recife, Dom Helder Câmara, que sempre buscou a garantia dos direitos das pessoas, visando a contribuir para uma sociedade mais justa e sem violência.

O Cendhec tem uma política institucional voltada para publicar suas reflexões sobre a experiência prática e teórica, que se materializa na Coleção Cadernos do Cendhec. Aqui, no volume 19, abordamos o tema do trabalho infantil doméstico, a partir da experiência do projeto Adolescentes Trabalhadoras Domésticas Agentes da Cidadania, posteriormente rebatizado pelos(as) próprios(as) adolescentes como projeto Agentes Guerreiros da Cidadania. Esta experiência contou com a parceria da Save the Children (Reino Unido) e do Fundo de Amigos Belgas.

O objetivo desta publicação é chamar atenção para a questão do trabalho infantil doméstico, bem como sistematizar a experiência para que ela possa servir de referência à atuação de técnicos, educadores e jovens que, como os(as) 40 que participaram do projeto, acreditam que é possível mudar essa realidade com a sua participação.

Sumário



| | |
|---|-----------|
| Apresentação | 4 |
| Introdução | 8 |
| 1. Conhecendo os guerreiros | 12 |
| 2. Guerreiros(as) discutem direitos humanos, violência e trabalho infantil | 34 |
| 3. Elaborando projetos comunitários | 56 |
| 4. Comentando a experiência | 82 |
| A perspectiva da participação de crianças e adolescentes | 89 |

Introdução



O trabalho infantil é um fenômeno social que atinge 5,1 milhões de crianças e adolescentes brasileiros, entre os cinco e os 17 anos (IBGE, 2003). A este contingente, são negados, cotidianamente, direitos fundamentais à educação, ao lazer, à profissionalização e à convivência familiar e comunitária. Trata-se do resultado do abismo social existente entre pobres e ricos em nosso país, e de políticas sociais que não vêm sendo capazes de garantir a proteção integral, como preconiza a Constituição Federal e o Estatuto da Criança e do Adolescente (Lei Federal N.º 8.069/90).

Entre 1992 e 2003, o número de crianças e adolescentes trabalhadores no país foi reduzido em mais de três milhões, fruto do esforço de ações empreendidas por segmentos governamentais, organizações da sociedade civil e instituições internacionais. No entanto, muito ainda tem que ser feito para o Brasil acabar com esse pesado fardo que recai sobre os ombros de jovens que, desde cedo, aprendem as agruras da exploração laboral.

Carvoarias, casas de farinha, agricultura, lixões... São várias as ocupações que têm absorvido mão-de-obra infantil. Todas extremamente danosas pela exposição a riscos de acidentes e contaminação, bem como pela negação dos direitos já explicitados. Entretanto, uma das formas de trabalho infantil - o doméstico - vem chamando a atenção por duas características que se sobressaem em relação às modalidades: a aceitação cultural por parte da sociedade e o fato de ser um trabalho oculto.

O trabalho infanto-juvenil doméstico

O trabalho doméstico emprega 414.152 crianças e adolescentes (IBGE, 2003), na faixa dos cinco aos 17 anos, no Brasil. Deste total, aproximadamente 222.865 estão abaixo da idade mínima legal para admissão ao trabalho, que é de 16 anos. Trinta e cinco por cento dos(as) trabalhadores(as) infanto-juvenis domésticos(as) estão na Região Nordeste e, cerca de 13.594, em Pernambuco.

Jornadas de trabalho excessivas, baixa ou nenhuma remuneração, humilhações e até violência sexual permeiam o cotidiano dessa profissão que emprega 9% de toda mão-de-obra infantil brasileira. Tudo isto acontece no espaço privado das residências, oculto aos olhos das autoridades e da sociedade.

Outro aspecto marcante no trabalho infanto-juvenil doméstico é a predominância do sexo feminino e da raça negra (afrodescendentes) entre os trabalhadores, realidade que remete à nossa herança escravista e ao papel historicamente reservado às mulheres em nossa sociedade.

A experiência do Cendhec na prevenção e erradicação do trabalho infantil doméstico teve início em 2001, com a realização de um levantamento com 200 crianças e adolescentes explorados(as) nesse tipo de ocupação. Foi a primeira aproximação de uma realidade até então ignorada pela sociedade e pelas autoridades.

A partir dela, que resultou na publicação intitulada “Onde está Kelly? O trabalho oculto de crianças e adolescentes exploradas nos serviços domésticos na cidade do Recife”, a instituição começou a descortinar essa situação.

Em 2002, o Cendhec iniciou outro projeto, que atendeu 290 crianças e adolescentes recifenses explorados(as) no trabalho doméstico, além das suas famílias. Uma das principais vertentes deste trabalho foi o fortalecimento da auto-estima, com o incentivo à participação de meninos e meninas no processo de desvendamento da sua própria realidade. Esta estratégia foi implementada em cada atividade do projeto, desde as oficinas sócio-educativas até as ações de comunicação e disseminação do tema.

O acesso às informações sobre os direitos fundamentais a eles(as) pertinentes e o exercício de se expressarem e se comunicarem livremente levaram à descoberta de outras capacidades e habilidades, despertando uma inquietação com a vida de outros meninos e meninas que se encontravam na mesma situação de exploração em suas comunidades.

Os(as) guerreiros(as) em ação

O projeto Adolescentes Trabalhadoras Domésticas Agentes da Cidadania, posteriormente rebatizado pelos(as) próprios(as) jovens como Agentes Guerreiros da Cidadania, nasceu do desejo destes(as) adolescentes de se organizarem e levarem o aprendizado e as informações que obtiveram, até então, para a população infanto-juvenil dos seus bairros.

A experiência consistiu em aprimorar e aprofundar o processo de formação do grupo de adolescentes multiplicadores(as), com vistas a torná-los(as) capazes de intervir de forma proativa em suas comunidades, não apenas no que se refere ao trabalho infanto-juvenil doméstico, mas nas diversas formas de violação contra os direitos humanos, especialmente os direitos da criança e do adolescente.

Foram selecionados(as) 40 adolescentes, entre os(as) 290 oriundos(as) das oficinas sócio-educativas do Programa de Ação “Prevenção e Enfrentamento do Trabalho Infanto-Juvenil Doméstico no Recife”, desenvolvido pelo Cendhec em parceria com a OIT - Organização Internacional do Trabalho - e a Save the Children Reino Unido, entre 2002 e 2004.

A escolha levou em consideração os níveis de interesse, participação, cooperação, criatividade e habilidade para se comunicar. A formação deles(as) durou oito meses e priorizou conteúdos como ética, cidadania, direitos humanos, violência, trabalho infanto-juvenil, políticas públicas e participação política nos espaços de controle social - fóruns e redes.

Outro aspecto do trabalho foi a multiplicação das informações absorvidas pelos(as) guerreiros(as) em suas comunidades, especialmente no espaço escolar. A idéia consistiu

em desenvolver uma vivência prática dos temas abordados na formação, utilizando como referência a cartilha “Elas não brincam em serviço - 12 histórias de trabalho doméstico de crianças e adolescentes” (versão para adolescentes multiplicadoras), mas sem se limitar, exclusivamente, ao seu conteúdo, uma vez que este material também aborda, indiretamente, assuntos como preconceito, abuso e exploração sexual, maus-tratos, ausência de políticas públicas para crianças e adolescentes etc.

Parte da formação foi dedicada a trabalhar com noções básicas de planejamento, elaboração e gestão de projetos sociais, com vistas a preparar o grupo para atuar nos bairros. A socialização dos conhecimentos pelos(as) jovens foi planejada com todos(as) os(as) envolvidos(as) com o projeto. Para tal, foram formados subgrupos com orientação da equipe técnica do Cendhec, que também acompanhou a execução das estratégias.

A multiplicação ainda envolveu uma preparação destinada a ampliar a capacidade das adolescentes de se comunicarem e expressarem os conhecimentos adquiridos durante a formação. Neste sentido, o Cendhec lançou mão de dois tipos de recursos didático-pedagógicos: o teatro de bonecos e a fotografia.

Nos capítulos a seguir, o(a) leitor(a) vai poder acompanhar a evolução de todas as etapas do projeto e conhecer detalhes de uma experiência inédita de valorização de crianças e adolescentes enquanto sujeitos políticos capazes de construir, em suas comunidades, uma nova história de liderança e mobilização para o enfrentamento do trabalho infantil. Alguns remanescentes deste tipo de exploração e muitos com o desejo de contribuir para que outras crianças e adolescentes não venham a perder a infância. Além de um convite à leitura, os(as) agentes guerreiros(as) da cidadania, o Cendhec, a Save the Children e o Fundo de Amigos Belgas tentam, com esta publicação, socializar as conquistas e as dificuldades de uma experiência de participação cidadã de crianças e adolescentes comprometidos(as) com a transformação social.

Conhecendo os guerreiros



Neste capítulo, apresentaremos a experiência dos módulos I e II do projeto Agentes Guerreiros da Cidadania. Você vai conhecer o perfil de meninos e meninas que participam da proposta, seus sonhos e expectativas. Também vai descobrir a história das suas comunidades, todas situadas no Recife, em Pernambuco.

A metodologia, as dinâmicas e os exercícios utilizados, bem como as reações dos 40 “guerreiros” - recém-saídos do trabalho doméstico - diante das novas vivências, serão evidenciados.

Como também suas descobertas e dificuldades para construir uma identidade coletiva e realizar uma intervenção nos seus bairros e espaços de controle social, para a discussão de políticas públicas em defesa dos direitos da população infanto-juvenil. Dentre eles, o Fórum Estadual de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, além de espaços de organização dos jovens na cidade, a exemplo do Fórum da Juventude. As reflexões dos(as) guerreiros(as) estão sendo socializadas, de modo que o(a) leitor(a) possa ter uma noção mais precisa do impacto social do projeto.

Os(as) guerreiros(as) são jovens com idade entre 12 e 19 anos, provenientes de oito comunidades de baixa renda do Recife. Foram selecionados(as) entre 290 adolescentes que participaram de oficinas sócio-educativas do Programa de Ação “Prevenção e Enfrentamento do Trabalho Infanto-Juvenil Doméstico”, realizadas pelo Cendhec entre 2002 e 2003.

Um grupo se empoderou para transmitir, a outras crianças, adolescentes e adultos de seus próprios bairros, o aprendizado e as informações que obteve ao longo da sua formação política com o Cendhec, responsável pela sua habilitação para intervir na realidade, de modo a enfrentar as diversas violações dos direitos humanos, especialmente de crianças e adolescentes, como o trabalho infantil.

Essa ação aconteceu ao longo do primeiro ano da nova etapa do projeto e teve como marco inicial uma oficina de integração dos participantes. Após a definição das turmas que iriam atuar nas comunidades, foi realizada uma dinâmica que revelou as expectativas dos(as) adolescentes sobre o projeto. O levantamento previu o desenvolvimento de uma proposta pedagógica para o curso de formação dos guerreiros.

Exercício I - Construindo a identidade do grupo

Objetivo: conhecer as expectativas dos(as) participantes em relação ao desenvolvimento do projeto

Os(as) participantes desenharam um corpo humano, em uma folha de papel 40kg, e escreveram suas principais expectativas em cada parte da figura. Em uma hora de atividade, obteve-se o seguinte resultado:

Nossas Expectativas

O que quero aprender

- como combater o trabalho infantil doméstico nas comunidades
- sobre o dia-a-dia do trabalho infantil doméstico
- trabalhar na comunidade
- sobre crianças e adolescentes
- desenvolvimento pessoal
- como desenvolver idéias
- a pesquisar
- conviver em grupo
- alternativas de trabalho

O que trago para o grupo

- conhecimento
- força de vontade
- dedicação
- amizade
- participação
- respeito
- paz
- companheirismo
- alegria
- determinação
- atenção
- compreensão
- união

O que quero fazer

- crianças voltarem a ser crianças
- conscientizar a sociedade sobre a ilegalidade do trabalho infantil
- solucionar problemas, ajudar...
- lutar pelos direitos da crianças e do adolescente

O que quero ver

- a situação da comunidade
- o projeto que também ajuda adultos escravos
- opiniões e ação
- o desempenho do grupo
- a reação das pessoas

Sobre o que quero falar

- da sociedade em geral
- os direitos
- opiniões e ação
- tudo o que aprendi

O que quero sentir

- a que posso ajudar outras crianças
- força de vontade, dedicação, emoções, harmonia, motivação, orgulho, prazer
- sensação do trabalho realizado
- amadurecimento pessoal

O que quero levar

- soluções para o trabalho infantil
- instruções do que aprendi
- experiência
- conhecimento, amizades, esperança, coragem, certeza, seriedade, firmeza, conquistas

Onde quero chegar

- a soluções para a comunidade
- o melhoria de situações irregulares
- até o fim do projeto
- que todos saibam do projeto
- a realizações para a população
- a um país consciente



Depois da sondagem inicial, a estratégia do Cendhec foi investir no fortalecimento dos laços que unem os participantes, para que se sentissem mais próximos e pertencentes ao projeto. Dois encontros foram necessários para a realização de discussões sobre como eles(as) se viam, como funcionava o grupo, como eles(as) se viam no grupo e como os outros os(as) percebiam.



Encontros com grupo de adolescentes

Nos primeiros momentos, foi priorizada a retomada das expectativas individuais em relação ao projeto, identificando dúvidas, questionamentos ou novas idéias dos(as) participantes. Os(as) jovens estabeleceram regras de convivência interna como pontualidade, assiduidade, respeito às opiniões diferentes, atenção quando o(a) companheiro(a) estiver com a palavra, e dialogaram sobre formas de resolução de conflitos.

Dinâmicas, jogos e exercícios foram utilizados para aprofundar a reflexão sobre os comportamentos que facilitam ou dificultam o relacionamento entre os(as) jovens - e sua repercussão no grupo. Na ocasião, debateram-se temas como cooperação X competição, comunicação, participação, para definir os papéis que cada um(a) desempenharia no projeto.

A construção da identidade coletiva levou os(as) jovens a escolherem um nome que os(as) representassem. Assim nasceram os Agentes Guerreiros da Cidadania.

Um novo olhar sobre as comunidades

Verônica B. da Silva (Guerreira da Cidadania, moradora da comunidade Novo Caxangá)

Quase sempre nós não percebemos as mudanças que acontecem à nossa volta. Assim é com o lugar em que vivemos. Sempre esteve lá, mas nunca paramos para observá-lo. Isso acontece porque estamos com muita pressa ou não temos tempo. Daí achamos que tudo está igual, que não houve mudanças. Mas, a partir do momento que tivemos a missão de realizar uma pesquisa sobre a atual situação da nossa comunidade, percebemos que tínhamos um grande tesouro em nossa frente. Um tesouro que precisava ser cuidado, caso contrário iria se perder na visão daqueles que descartam suas origens. Na verdade, não foi só uma pesquisa que nós fizemos, mas uma aula de cidadania. Redescobrimos nossas origens. A partir de então, começamos a ver a comunidade com outros olhos e vimos como era preciso que os jovens fossem mais ativos, que eles lutassem para a sua melhoria. E os resultados mais importantes nós estamos sentindo agora. O preconceito que

tínhamos em relação aos problemas do nosso bairro - a criminalidade, a falta de saneamento básico, o descaso social - precisava acabar.

Não tínhamos impulso para mudar esse quadro. Agora nós nos sentimos preparados para nos envolver em ações relacionadas ao crescimento da comunidade. A nossa timidez foi embora ou deu um tempo. Foi preciso deixá-la de lado para podermos executar esta missão. A partir de então, nós nos sentimos motivados a trabalhar na comunidade, como se tivéssemos pagando uma dívida de anos de companheirismo com os nossos companheiros de bairro.

O texto demonstra que a proposta de dividir os(as) jovens em grupos por comunidade de origem foi importante para que eles(as) pudessem resgatar as suas origens e as do bairro. A dinâmica os(as) ajudou a ver sua realidade com olhos de pesquisadores(as). Além da história, o mergulho em cada localidade os(as) fez reconhecer sua própria identidade social e identificar semelhanças e diferenças entre as diversas comunidades dos(as) participantes do grupo.

Para chegar a estas constatações, foi necessário avaliar a situação do país - sua organização geográfica, política, social e cultural. Aconteceram seis encontros, uma vez que os(as) participantes demonstraram lacunas que deveriam ter sido preenchidas pelo ensino formal. Portanto, as dinâmicas também ajudaram a identificar o nível de informação que os(as) adolescentes possuíam sobre os temas.

Exercício 2 - Identificando as regiões brasileiras

Objetivo: conhecer as regiões do país

Tempo estimado: 2 a 3 horas

Materiais: revistas, jornais, tesouras, cola e mapas

Nos mapas utilizados, apenas o contorno do país e suas regiões. A turma foi dividida em subgrupos de cinco ou seis pessoas. Cada uma ficou com uma cópia do mapa e a incumbência de montar um painel das regiões, identificando:

- dança, música, obras de arte popular, elementos do folclore ou qualquer manifestação cultural tradicional de cada região;
- o que se come e bebe;
- o que se produz na agricultura e na indústria de cada região.

Hora 1 - Cada grupo seleciona, em revistas e jornais, imagens dos elementos listados no roteiro, para montar seu painel.

Hora 2 - Os subgrupos apresentaram seu resultado explicando suas escolhas. No final, os orientadores foram esclarecendo, corrigindo ou complementando as informações apresentadas, de acordo com a necessidade.

Exercício 3 - Reconhecendo a cidade

Objetivo: discutir a organização da cidade (como as comunidades estão inseridas)

Primeiro momento: a gincana

Tempo estimado: 3 horas

Material: mapa detalhado da cidade

Os(as) participantes trabalharam em subgrupos por comunidade, respondendo perguntas gerais sobre o Recife (população, nome do prefeito, principais rios). Depois, foram convidados a observar um mapa detalhado da cidade, contendo o nome de bairros e ruas, e também identificar a comunidade e a rua onde moravam, bem como o centro, a periferia, os espaços chamados de nobres e o lugar onde estavam naquele momento. Os(as) participantes discutiram a organização espacial da cidade, trazendo informações sobre a história e a geografia do lugar.

Segundo momento: os mapas das comunidades

Tempo estimado: 3 horas

Material: equipamento portátil de som, CD de Chico Science e Nação Zumbi, cópias da letra da canção “A cidade”, mapa detalhado de cada comunidade representada no grupo

“A cidade”

*O sol nasce e ilumina
as pedras evoluídas
que cresceram com a força
de pedreiros suicidas
Cavaleiros circulam
vigilando as pessoas
Não importa se são ruins
nem importa se são boas
E a cidade se apresenta
centro das ambições
para mendigos ou ricos
e outras armações
Coletivos, automóveis,
motos e mêtros
Trabalhadores, patrões,
policiais, camêlos
A cidade não pára
a cidade só cresce
O de cima sobe
e o de baixo desce
A cidade não pára
a cidade só cresce*

O de cima sobe
e o de baixo desce
A cidade se encontra
prostituída
por aqueles que a usaram
em busca de saída
Ilusora de pessoas
de outros lugares,
a cidade e sua fama
vai além dos mares
No meio da esperteza
internacional
a cidade até que não está tão mal
E a situação sempre mais ou menos
Sempre uns com mais e outros com menos
Eu vou fazer uma embolada,
um samba, um maracatu
tudo bem envenenado
bom pra mim e bom pra tu
Pra gente sair da lama e enfrentar os urubus
Num dia de sol
Recife acordou com a mesma fedentina”

Com a cópia da letra nas mãos, os(as) participantes cantaram a música e depois comentaram a letra, debatendo:

- frases que chamaram a atenção;
- o significado daquelas frases;
- a sua ligação com a divisão espacial da cidade (periferia X bairros “nobres”).

Neste momento, foram apresentados os mapas dos bairros onde os(as) adolescentes residiam, para que todos os explorassem, marcando com um lápis:

- onde moravam;
- o lugar central do bairro;
- onde ficavam as escolas;
- o local do(s) posto(s) de saúde;
- a associação de moradores;
- as áreas de lazer;
- outros locais a destacar.

Após o reconhecimento por bairro, os grupos correspondentes demarcaram as áreas onde iriam atuar na prevenção e erradicação do trabalho infantil. No final, cada subgrupo apresentou sua comunidade para os(as) colegas.

Terceiro momento: a minha comunidade

Tempo estimado: 2 horas

Material: canetas, papéis, computador, impressora

Cada participante escreveu uma carta para alguém de que gostava, descrevendo a comunidade em que morava, com base no roteiro que foi ampliado com o grupo.

Roteiro para observação da comunidade (extraído do IV Caderno do Observatório de Direitos Humanos - pág. 63)

- Como é o nome da sua comunidade? Ela tem mais de um nome?
- Onde fica o bairro?
- Compare seu bairro com a sua cidade. Ele fica próximo ao Centro? É parecido com o resto da cidade?
- Há quanto tempo o bairro existe?
- Quantos moradores, aproximadamente, existem no bairro?
- Descreva o bairro: suas ruas, casas, paisagens, comércio etc.
- Sempre foi assim? Se mudou, explique.
- Como é a infra-estrutura do bairro? Tem luz elétrica, água encanada, esgoto, transporte coletivo, telefones fixos e públicos, coleta de lixo etc?
- Há hospitais públicos e postos de saúde próximos? Quantos? A que distância? Como é o atendimento neles?
- Há fórum judiciário em seu bairro? A que distância? Como é o atendimento nele?
- Há ronda policial em seu bairro? Com que frequência?
- Há escolas em seu bairro? Quantas? São públicas ou particulares? A que distância? Como podem ser avaliadas?
- Conhece algum projeto educacional em seu bairro? Qual? Como pode ser avaliado?
- Quais as atividades e os espaços culturais e de lazer que existem no bairro? Há festas populares, shows de música, cinemas, teatros, quadras, praças, bibliotecas etc – e quem as promove? Como podem ser avaliados?
- Quais os principais problemas e as qualidades do bairro?
- De um modo geral, em que e onde trabalham os(as) moradores(as) do seu bairro?
- Que outras impressões existem sobre o bairro?

Depois dessa dinâmica, cada grupo reuniu-se em sua própria comunidade para juntar as idéias das cartas individuais e produzir uma carta em equipe. O resultado foi a produção de oito textos retratando cada comunidade, segundo a visão de seus jovens moradores.

Comunidades dos Agentes Guerreiros da Cidadania



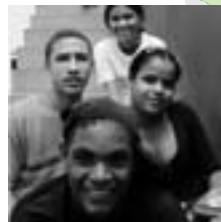
Novo Caxangá



Capina do Barreto/
Chão de Estrelas



Caxangá



Vietnã



San Martin



Vila dos Milagres

Escrevendo sobre as comunidades

VERÔNICA B. DA SILVA

(guerreira da cidadania, moradora da comunidade do Novo Caxangá)

Caro João. Já estou sabendo da novidade. Outro dia assistindo ao NE TV, vi uma reportagem sobre as mudanças no seu bairro. Nossa, parecia mentira! As ruas estavam asfaltadas, havia saneamento básico. Cara, nem parecia que aquela era a rua que um dia eu fui visitar... Pôxa doido, ruas limpas, água encanada, luz elétrica, policiamento... Fala sério, que mudança!

Ao contrário do seu bairro, o meu ainda tem muito para melhorar em todos os aspectos. As ruas, algumas são calçadas, o lixo corre solto, é uma falta de cidadania dos próprios moradores, pois não custa nada cada um limpar a frente de sua casa. O saneamento básico em minha rua está ótimo, mas ainda existem algumas ruas que não são calçadas e não têm saneamento básico - o esgoto corre a céu aberto, é um descaso. Luz elétrica tem para toda a comunidade. Eu confesso que aqui em casa, há alguns anos, não pagamos energia, pois, sem condições, meu pai acabou fazendo um macaco. Às vezes quando escuto alguém falando "este mês vou ter que pagar a conta de luz, de água e fazer as compras", fico com inveja dessa pessoa, não sei se esta é a palavra certa. Meu pai já tentou fazer um acordo com a Celpe e a Compesa, mas as taxas vieram muito altas e não tivemos condições de pagar.

Eu queria que houvesse um posto policial em meu bairro - a polícia só passa nos finais de semana. Isto faz com que as pessoas criem uma certa insegurança.

Ah! Se houvesse uma área de lazer para toda a comunidade, seria o dez, pois para nós, jovens, não há diversão. Por esta carência, os jovens daqui vão para outros bairros, como Várzea. É cara, você é quem está na boa, espero que um dia eu volte a escrever para contar sobre as mudanças do meu bairro (Novo Caxangá). Enquanto isto não acontece, um grande beijo e um forte abraço. Valeu!!

GRUPO DA VILA DOS MILAGRES

Olá, Katrien! Vou falar um pouco da minha comunidade. Ela é pequena, tem muitos tipos de comércio e gente boa. Mas tem coisas que atrasam muito a nossa comunidade: a violência, a falta de saneamento básico, o esgoto estourado. Água não tem direito e energia elétrica tem com muita gambiarra. Então isso constrói um grande tumulto de gente, que acaba em briga e discussões por causa de energia e água.

Muitas pessoas não pensam no próximo - só em si mesmas. E isto não leva a nada.

A prefeitura construiu casas para pessoas desabrigadas e para quem morava em barracos, e calçou as ruas. Isto foi uma grande ajuda.

Mas o importante agora é a água. Faz anos que a caixa d'água está pronta e nada de água até agora. Muita gente reclama das coisas, mas nunca se move - só espera os outros. Sobre a violência, graças a Deus nunca mais aconteceu, porque polícia não falta, sempre faz visita por lá.

E é assim pra quem não conhece a nossa comunidade.

GRUPO DA UR-3

O bairro existe há 35 anos e se chama UR-3. Fica no Iburá, tem muitas praças com brinquedos - balanço, gangorra e escorrego para as crianças. Uma vez por mês tem a feirinha de roupas e bijuterias, que fica em uma das avenidas e serve para o lazer da comunidade. As pessoas costumam comer pastéis e os mais famosos espetinhos, de carne de boi e galinha.

No bairro tem muitas árvores, com destaque para as de Jambô. Às vezes tem festa com grupos de pagode e rock que são da própria comunidade e de comunidades diferentes. O bairro tem um bom aspecto: as casas são muito bonitas e grandes, todas da mesma estrutura. O bairro da UR-3 fica distante do centro da cidade, mas de ônibus é próximo da praia. O bairro mudou bastante e é um dos mais privilegiados por ter uma boa pavimentação. As avenidas são grandes e com saneamento básico, luz, água, escolas, postos médicos, telefones fixos...

O posto de saúde está sendo ainda estruturado, mas o presidente da associação da comunidade garante que esta é uma das melhores conquistas no bairro. A população enfrenta ainda muita violência pela falta de segurança. O núcleo de policiamento não foi possível na comunidade, mas há ronda policial.

Nas escolas do bairro, existem alguns tipos de cursos como crochê, bijuterias. Muitos jovens participam de uma banda escolar e de aulas de capoeira e inglês. Na comunidade, existem duas escolas públicas e diversas particulares. As pessoas vão muito à igreja, seja ela católica ou evangélica.

A maioria da população ganha a vida trabalhando fora da comunidade (alguns como caminhoneiros). É esta a história da comunidade.

GRUPO DE SAN MARTIN I

Nossa comunidade chama-se San Martín. Pelo que conhecemos, só existe este nome. Nosso bairro fica localizado na cidade do Recife, mas não fica muito próximo do centro da cidade. Lembra muito (o centro), com suas feiras e outros tipos de comércio.

O bairro existe há 50 anos, assim afirmam moradores antigos, e tem, provavelmente, 25 mil habitantes, constituídos por pobres, ricos, brancos, negros etc.

Aqui também existem ruas asfaltadas, casas de alvenaria, mas existe o inverso de tudo isto, que realmente é a realidade da nossa comunidade: pessoas pobres que moram em barracos, favelas, ruas de barro etc.

Segundo as afirmações dos moradores, San Martín está muito mudado, pois antigamente só havia mato, estradas de barro, pouquíssimos moradores. Daí, a cada dia foi desenvolvendo-se e hoje temos todas essas pessoas que compõem a nossa comunidade.

Mas, como em todos os lugares existem defeitos, San Martín não iria se excluir. Existe muita violência, independentemente da hora e do lugar!

Temos três quartéis perto de nós, mas não valem para nada, pois com ou sem eles acontecem estas coisas, infelizmente.

Existem seis escolas públicas e, aproximadamente, 12 escolas privadas. Existe muita desorganização em relação às escolas do governo, porque não temos um ensino adequado para nossa série, mas temos que nos contentar com o que temos, pois não há condições financeiras para nós estudarmos em escolas privadas.

Muitas vezes não temos a oportunidade de participar do programa "escola aberta", pois não são todas as escolas que têm este projeto.

Nossas praças, nossos shows multiculturais estão melhorando a cada dia - a prefeitura realmente está se esforçando para que a comunidade melhore a cada dia.

Há diversas religiões: católica, evangélica, espírita etc.

O nosso maior sonho é ver tudo isso mudando para melhor, pois sabemos que isso é possível de acontecer, mas depende unanimemente de todos nós. Devemos fazer do lugar onde vivemos um lugar onde nós façamos com que a paz reine.

GRUPO DE SAN MARTIN II / VIETNÃ

A comunidade que conhecemos chama-se Vietnã. Ela era conhecida antigamente como Sítio Coqueiro. Fica perto do Ceasa e é muito longe do centro da cidade. O bairro tem mais ou menos 65 anos. O grupo não conseguiu a informação de quantos moradores existem neste bairro.

As casas têm um nível bom. As paisagens, em alguns lugares, são muito bonitas. O comércio é bem simpático, mas antigamente não era assim. Antigamente os moradores tinham que ir ao Ceasa para comprar frutas e verduras. As ruas não eram pavimentadas e agora até que melhoraram. Tem comércio perto das casas e algumas ruas são pavimentadas.

A infraestrutura do bairro tem luz elétrica, água encanada, esgoto, transporte, telefones públicos e fixos, e coleta de lixo. Tudo isto tem. Tem postos de saúde próximos - no mínimo dois. Não tem hospitais públicos, mas o atendimento dos postos de saúde é bom. O ruim é que no bairro não tem posto policial. Tem o apoio do BPTIRAN, mas ele não ajuda em quase nada a comunidade. Lá não tem fórum judiciário e a ronda policial pouco passa. Às vezes não tem frequência. Há duas escolas públicas, uma da prefeitura e uma do Estado. Particulares existem muitas. O grupo não tem idéia de quantas existem. As escolas ficam perto das casas e o ensino de lá é bom.

Sim, tem um projeto educacional - é o "Agente Comunitário", que é de informática. Vai começar (a funcionar) neste mês de abril e todo mundo do grupo acha bem interessante. As atividades culturais: grupos de dança com crianças e adolescentes, o que é bem legal. As crianças aprendem a cultura do nosso Estado, já que tem muita gente na comunidade que não conhece.

No bairro há muitas igrejas de várias religiões. Tem pelo menos uma em cada rua. Algumas pessoas do grupo freqüentam as igrejas.

Os principais problemas do bairro: algumas ruas não foram pavimentadas e falta ronda policial.

De um modo geral, há moradores que trabalham na comunidade e outros que trabalham fora dela. O bairro tem seus problemas e suas conquistas, mas a vida é assim. Se tudo fosse perfeito, não teríamos objetivos para alcançar e conseguir. Esta foi a história do bairro do Vietnã.

GRUPO DE CAMPINA DO BARRETO

Em nossa comunidade existem muitos casos de violência. São tantos que nem dá para contar. Sempre tem mortes, estupros etc. Temos apenas dois postos de saúde, que sempre apresentam problemas como falta de remédios e médicos.

No transporte, temos duas linhas de ônibus - a de Chão de Estrelas e a de Campina do Barreto.

Existem muitas escolas, mas a maioria é particular. Acho que apenas três são públicas.

Nossas áreas de lazer são as praças, que por sinal estão muito mal cuidadas. É sujeira, tudo quebrado...

Nossa associação é muito humilde, precisa de muita ajuda para poder desenvolver-se muito mais. Necessita de ajuda da nossa comunidade.

Os principais problemas existentes são falta de saneamento básico, lixo e falta de calçamento nas ruas.

O nome Chão de Estrelas surgiu há muito tempo atrás, quando ainda não existiam casas, só pés de coqueiro. Havia um homem cego, os coqueiros rebatiam a luz das estrelas no rio. Aí o filho do cego falou: "Painho, o chão está cheio de estrelas". E surgiu o nome Chão de Estrelas.

GRUPO DA UR-2

Oi, Katrien e Jeroen. O nosso grupo está pesquisando sobre a comunidade UR-2. Pelo que nós pesquisamos, ela sempre teve este nome. O nosso bairro fica no Ibura, não fica perto do centro e nós achamos que ele se parece com o restante da cidade, porque tem muitos problemas, feito o resto.

O nosso bairro existe há mais de 50 anos, há aproximadamente cinco mil habitantes lá. O bairro tem água encanada, luz, esgoto, transporte etc.

Também tem hospitais, postos médicos, todos perto da casa, mas o atendimento não é muito bom. Tem delegacias e núcleos com rondas constantes.

Dos moradores do bairro do Ibura, a maioria trabalha fora do bairro, mas tem muitos que trabalham dentro do bairro. No Ibura, tem vários centros religiosos e os principais problemas do bairro são as barreiras. Nós esperamos que tudo mude para melhor.

EQUIPE DA CAXANGÁ

Olá, equipe do projeto Agentes Guerreiros da Cidadania. Nós estamos escrevendo esta carta para contar um pouco sobre a nossa comunidade, que se localiza ao norte da cidade - é a comunidade de Caxangá e estamos falando especificamente sobre as ruas Engenho Poeta e Almirante João Pascoé. Destacamos lugares bonitos que nos chamam a atenção: o Golf Clube, a Avenida Caxangá e as casas históricas.

Vocês sabiam que a nossa comunidade já existe há mais ou menos 45 anos e que também tem mais ou menos 2.000 moradores? Antes, as ruas não eram calçadas; existia uma ou duas famílias no local; as casas eram de madeira e barro; tinha muita mata, pois havia um engenho próximo.

Agora aconteceram mudanças. Existem várias casas, sejam de madeira ou tijolos. As ruas, em sua maioria, já são calçadas. Temos luz elétrica, água, saneamento básico, posto de saúde, escolas, igrejas, clubes, comércio, edifícios, terminal de ônibus. Teve uma coisa que aumentou, sabe o que é? Isso, isso mesmo, é a tal da violência que, ao longo desses 45 anos, aumentou - e muito...

Temos o problema da divisão de classes ("uns têm mais, outros têm menos") e o atendimento no posto de saúde nem se fala, é horrível. Não temos associação de moradores por falta de espaço físico. Tem também a questão do policiamento. É uma coisa que temos direito, mas falta. Já a educação, podemos dizer que é razoável. Faltam-nos projetos para crianças, jovens e até mesmo adultos, para se divertirem e aprenderem.

Sabia que temos artistas na nossa comunidade, só não são da Globo, mas fazem realmente arte? Quem são eles? Jogadores, pintores, sanfoneiros, violeiros, dançarinas.

O que nos falta mesmo é lazer; temos apenas um campinho de futebol, que é tão disputado. Bem que poderíamos ter uma praça com banquinho e etc. Já que falamos dos artistas, vamos aos trabalhadores. Uma das principais atividades de renda do bairro é o comércio. Também tem a questão da construção, onde temos os pedreiros e as pessoas que trabalham em outras comunidades como domésticas, serventes.

Ficamos por aqui, deixando todos curiosos para conhecer a nossa comunidade. Beijos e abraços.

Os vários olhares

Com os textos nas mãos, os(as) guerreiros(as) fizeram uma leitura coletiva das cartas, apontando as características comuns e analisando a presença ou ausência de informações interessantes encontradas nos textos individuais, que não foram mencionadas pelas equipes, debatendo ainda sobre as razões da escolha das informações priorizadas por cada grupo.

Trabalho de campo

O conhecimento acumulado de cada participante sobre sua comunidade resultou na divisão do grupo por área de atuação, qual seja:

| Área | Comunidade | Nº de participantes |
|------|--------------------------------------|---------------------|
| 1 | Campina do Barreto/ Chão de Estrelas | 04 |
| 2 | San Martin | 06 |
| 3 | San Martin/ Vietnã | 06 |
| 4 | Morro da Conceição | 03 |
| 5 | UR-2 | 04 |
| 6 | UR-3 | 05 |
| 7 | Vila dos Milagres | 04 |
| 8 | Caxangá | 04 |
| 9 | Novo Caxangá | 04 |

Obs: Na divisão do trabalho de campo, houve algumas alterações no perfil das comunidades onde os(as) guerreiros(as) atuaram, como a do Morro da Conceição, cujos representantes saíram do projeto. Ocorreram também fusões de grupos de duas comunidades, de modo a facilitar o trabalho de pesquisa.

Após essa divisão, foi sugerido e planejado o primeiro trabalho de campo a ser realizado pelo grupo: um levantamento detalhado de cada comunidade. Para tanto, os(as) jovens construíram um roteiro de investigação, que foi preenchido com base na observação direta e através de informações levantadas em escolas e associações de moradores.

Também foram montados dois roteiros de entrevista a serem aplicados com um homem e uma mulher que fossem antigos na comunidade, e com um(uma) líder comunitário(a), para resgatar os fatos históricos mais importantes de cada local e conhecer a realidade política e as principais demandas sociais do bairro, para desta forma entrosar os jovens com os moradores mais idosos, reconhecendo e valorizando suas experiências de vida.

Planejamento e realização das entrevistas

Com a orientação do coordenador do trabalho, os(as) jovens criaram seus roteiros específicos de perguntas a serem feitas.

Os(as) jovens discutiram que um roteiro pode ser uma faca de dois gumes. Se, por um lado, ajuda os entrevistadores mais tímidos e evita aqueles “brancos” causados pelo nervosismo e falta de experiência em realizar uma entrevista, por outro poderia deixá-los(as) presos(as) às questões previamente elaboradas. O grupo também reconheceu que o uso de gravadores poderia ter possibilitado uma maior espontaneidade dos moradores em comentar as questões. E isto se refletiu nas respostas. Alguns moradores tinham condições de ir mais longe em suas respostas, que, por vezes, ficaram muito presas às perguntas.

Os(as) guerreiros(as) consideraram que a atividade poderia ter sido mais produtiva se, após as entrevistas, eles(as) tivessem compartilhado as dificuldades para poder refazer algumas delas, ou entrevistado outros(as) moradores(as), aprimorando o processo. No entanto, no quadro a seguir, podemos constatar resultados positivos já nas primeiras entrevistas realizadas.

Exercício 4 - Entrevistando moradores antigos

Bairro: Caxangá

Grupo: Ana Célia, Ana Lúcia, Jucicleide, Patrícia

Entrevista: Dona Elza (líder comunitária)

1. Há quantos anos existe esta instituição? Conte um pouco do seu trabalho.

R. Não há espaço físico (para a associação), mas já estamos na luta há alguns anos.

2. Você acha esta instituição importante para a comunidade? Por quê?

R. Sim, o espaço é muito importante, pois com ele poderíamos realizar projetos para a comunidade e reuniões mensais sobre os problemas da nossa comunidade.

3. Quais os trabalhos que mais deram certo?

R. A concretização do calçamento da Rua Engenho Poeta e a participação no Orçamento Participativo.

4. Qual a maior dificuldade que se tem enfrentado? Como poderia vencê-la?

R. A falta de espaço físico e a questão das crianças e dos jovens na rua. (poderíamos vencer os problemas) Com algumas parcerias e com a ajuda da prefeitura e da própria comunidade.

5. Quais os principais problemas da comunidade atendida por esta instituição?

R. Pela falta de espaço físico, quase não atendemos a nenhum problema, mas eu faço o possível para trazer palestrantes para discutir temas (DST, mulher...).

6. Quais os aspectos positivos da comunidade atendida por esta instituição?

R. A resposta já foi respondida na questão anterior.

7. Quem você acha que pode resolver os problemas desta comunidade?

R. A resposta já foi respondida na questão 4.

Entrevista: Tereza Dias da Silva (57 anos)

1 Há quantos anos você mora nesta comunidade?

R. Moro na comunidade há 43 anos; vim morar aqui com 14 anos de idade.

2 Você sabe qual a origem do nome desta comunidade?

R. Não, mas eu acho que foi porque aqui existia um engenho (nome da rua: Engenho Poeta).

3 Conte um pouco como foi sua infância, como eram as ruas, de que e onde você brincava.

R. A minha infância foi boa, eu ajudava a minha mãe em casa, não saía, pois meu pai não deixava nós ficarmos na rua. Eu não estudava porque não tinha escola.

4 Fale sobre as pessoas e famílias que, na sua opinião, ajudaram a construir sua região.

R. A minha família fundou esta região. Meu pai veio morar aqui e só tinha duas casas, a minha e a de outro vizinho. O resto era só engenho e plantação - as terras não tinham dono. Meu pai repartiu a área, construiu as casas de madeira e foi vendendo, à prestação, para as pessoas pagarem em parcelas. É por isso que eu digo que a minha família contribuiu muito para o surgimento da região.

5 Fale das coisas novas que chegaram à sua comunidade: a luz elétrica, o transporte coletivo, as primeiras fábricas, o comércio, as primeiras escolas, o posto de saúde, a igreja etc...

R. Com muito tempo que nós estávamos aqui, começaram a instalar luz elétrica, pois antes era luz do candeeiro; depois chegou água, igreja etc. Antes era muito difícil, só tinha mato, nem televisão tinha. Hoje está bem melhor do que antes.

6 Quais as primeiras festas que aconteceram na sua comunidade? Como elas surgiram?

R. Era muito difícil ter festas aqui e demorou muito para surgir a primeira, mas a primeira que eu me lembro foi o São João.

7 Qual o acontecimento mais importante da sua comunidade? Você participou dele?

R. Foi quando chegou luz elétrica e saneamento básico. Eu participei fazendo abaixo assinado e levando para a prefeitura.

8 Se você pudesse mudar algum acontecimento da sua região, o que mudaria?

R. Eu não mudaria nada, pois gosto da minha comunidade. Se mudasse queria que fosse para melhor.

9 Conte quais foram as primeiras necessidades da comunidade. Elas foram atendidas?

R. Posto de saúde, escolas, comércio, empregos etc. Demorou um pouco para serem atendidas, mas graças a Deus nós conseguimos.

10 Sua comunidade aparece no jornal, no rádio, na televisão? O que se diz sobre ela? O que você acha daquilo que é dito?

R. A minha comunidade sai nos jornais, só que eu não sei o que dizem nem o que os outros falam sobre as reportagens, pois é muito difícil eu assistir televisão.

11 Existe algum lugar que continua do mesmo jeito que há 20 anos na sua comunidade?

R. Não, tudo mudou, não existe nada igual.

12 Qual era o lugar mais bonito quando você era jovem?

R. Eu não sei, pois meu pai era muito rígido e não deixava a gente sair. Só quando eu me casei foi que comecei a conhecer as coisas.

Retratando as comunidades

Mais um desafio para os(as) guerreiros(as): um trabalho de campo para apurar seu olhar sobre as comunidades. E eles(as) participaram de uma oficina que não estava prevista inicialmente no projeto - a de fotografia.

E tiraram fotos de cenas e lugares mais significativos das comunidades, porque os exercícios anteriores os(as) levaram a conhecer melhor cada recanto de seus bairros. Assim, ficou fácil elaborar um roteiro de percurso pelos locais a serem clicados.

O contato com a fotografia e suas possibilidades de gerar um documento social poderia dar margem a mais reflexões acerca das suas atuais condições de vida e das perspectivas que se abrem para o futuro, bem como propiciaria voltar os “olhos” para a importância do ambiente cultural que contribui com a formação das pessoas que moram nas comunidades.



Oficina de fotografia: construindo câmeras com sucata

A oficina os(as) levou a conhecer a fotografia através dos tempos, mostrando como era feita há duzentos anos, mas sem perder de vista seus aspectos de atualidade. A intenção foi fazer os(as) participantes compreenderem o atual momento da fotografia e seu uso em diversos meios de comunicação, enfatizando que a tecnologia não invalida ou diminui o valor da criatividade humana em sua busca de mostrar os aspectos mais profundos da sua individualidade.

A metodologia da oficina de fotografia

No primeiro momento, os(as) participantes foram convidados(as) a verbalizar expressões que pudessem ter qualquer tipo de associação com fotografia, e a discutir “o que lembra” determinada expressão - “onde a encontramos” e o que é necessário para que ela exista. As conversas foram conduzidas de modo a chegar ao elemento físico “luz”, que é o ponto de partida para o novo mundo de conhecimentos para os(as) guerreiros(as). O grupo é levado a pensar na luz sob vários ângulos, tais como:

- o que provoca;
- de onde vem;
- como se desloca no espaço;
- que sensações nos dá;
- o que representa para a vida.

As provocações foram no sentido de incentivar o grupo a ir buscando e relacionando palavras que no dia-a-dia “recheiam” a fala. Termos que, analisados atentamente, demonstram o quanto a língua falada parece querer ocupar o espaço dos outros sentidos.

Assim sendo, os(as) jovens foram convidados a fazer o exercício do olhar, usando ferramentas como cilindros ocos e cartolinas com um orifício. Neste momento, os(as) participantes começaram a ter contato com noções de distância, enquadramento, composição e ocupação de espaço.

Depois eles(as) foram induzidos(as) a fazer observações mais específicas sobre como ocorre o fenômeno ótico capaz de gerar uma fotografia. Para tal, houve a necessidade de construir caixas pretas (tendo sucata como matéria-prima) para observar a formação da imagem e sua demonstração, o que gerou uma maior compreensão sobre o assunto.

Em seguida, trabalhou-se o pinhole, ou seja, as câmeras de lata com furo de agulha que permitem efetuar registros sob a forma de negativo, o qual, num segundo passo, dá vida a uma imagem positiva e nítida. Para dar suporte às “brincadeiras”, foi improvisado um laboratório para fotos em preto e branco, montado na própria sala de atividades, envolvendo todo o grupo.

Outra técnica de captura de imagem fez uso de câmeras automáticas, do tipo industrial, com filme fotográfico (película), procurando desenvolver temas associados ao cotidiano dos(as) participantes. A revelação dos filmes e a confecção de cópias complementam o processo físico-químico inerente ao fenômeno fotográfico.

“O que posso continuar...
Fazendo máquinas de lata, batendo fotos, explicando a quem perguntar os seus direitos”.

Maria Eduarda,
San Martin

Todo o trabalho prático foi permeado por conversas, exposições de vídeos, projeção de slides de vários autores, manuseio de livros, audição de música e leitura de textos. O grupo também discutiu, na oficina, que os trabalhos dos “novos(as) fotógrafos(as)” poderiam retratar temas diversos que pudessem levar a reflexões sobre questões como história da civilização, cidadania, arte e criatividade, individualidade, estética e estilo.

Conteúdo programático

A luz e suas magias | Aprendendo a ver a luz observando as sombras | Construindo a câmera escura | Observando a formação da imagem | O buraco da agulha
O foco universal | Os diversos ângulos de visão | O olhar individual | Efeitos causados pelas formas das câmeras | Invenção da fotografia e contextualização no séc. XIX
A fotografia como documento social | Os pioneiros | Composição | Materiais fotossensíveis | Captação de imagens | Revelação | Fixagem | Acabamento da cópia
O ensaio | A reportagem | O trabalho pessoal | A profissão | Os meios onde publicar fotografia e como fazê-lo.

Carga horária

20 horas/aula, em dois encontros (um de oito horas e um de quatro).

Quantidade de alunos(as)

máximo de 20.

Faixa etária

maior ou igual a 12 anos.

Infraestrutura

- Sala que comporte 22 pessoas, mesa grande, cadeiras, quadro branco ou negro.
- Sala para improvisação de um laboratório fotográfico, podendo ser a própria sala de atividades.
- Equipamentos
- Um videocassete e uma TV.

Focando as comunidades



A sala de aula foi transformada em laboratório

As sessões fotográficas nas comunidades fizeram parte dos exercícios práticos da oficina de fotografia, que aconteceu paralelamente aos encontros do Módulo II. Os resultados foram tão significativos que o Cendhec, os(as) guerreiros(as) e os facilitadores organizaram uma exposição fotográfica dos participantes, que percorreu todos os bairros.

Compartilhando as experiências

O segundo módulo do projeto foi encerrado com um seminário de um dia, realizado em abril de 2004, como parte da metodologia do projeto para que os(as) jovens pudessem socializar os resultados do trabalho de campo realizado pelos nove subgrupos, e para discutir os problemas existentes nas comunidades.

O encontro aconteceu no auditório do Sinttel, no centro do Recife, e contou com a participação do coordenador adjunto do Cendhec, Marcelo Santa Cruz; a representante da Save the Children (Reino Unido), Adriana Franco; e o fotógrafo Luiz Santos.

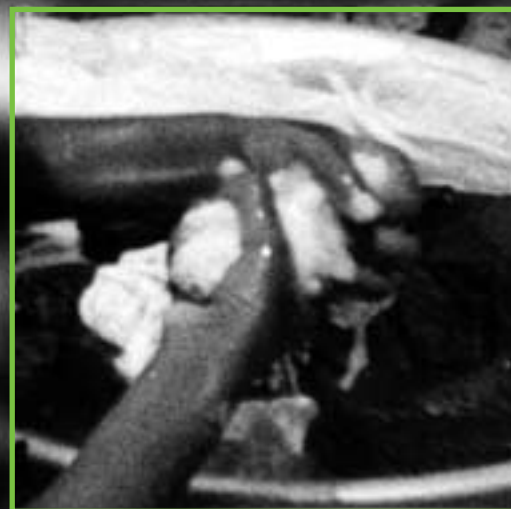


I Seminário de Socialização do trabalho de campo

Na ocasião, foram discutidos os resultados dos levantamentos realizados em todas as comunidades. Também foi mostrada parte da produção fotográfica realizada pelos(as) adolescentes em suas comunidades.

2

Guerreiros(as) discutem direitos humanos, violência e trabalho infantil



O terceiro módulo do projeto foi marcado por encontros onde os(as) jovens realizaram a pesquisa de campo para conhecer de perto os problemas de cada comunidade. Eles(as) ouviram moradores, representantes de associações de moradores e policiais, uma vez que o tema mais evidenciado foi o enfrentamento da violência urbana.

Conceitos como o de direitos da pessoa humana, tendo como referência a Declaração Universal dos Direitos Humanos e os direitos da criança e do adolescente, foram discutidos com os(as) jovens, que também estudaram a Declaração das Nações Unidas sobre os Direitos da Criança e o Estatuto da Criança e do Adolescente.

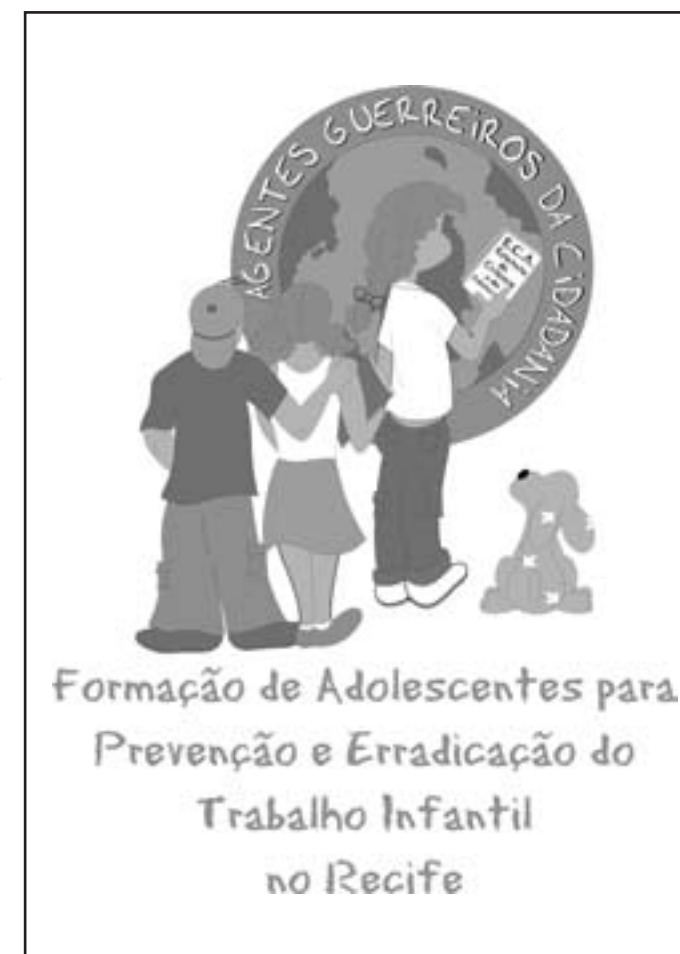
Com base nessas informações, os(as) guerreiros(as) discutiram a violência e o trabalho infantil nas comunidades, entendendo-os como violações dos direitos humanos da infância e da juventude.

Metodologia

Primeiro encontro

O primeiro encontro contou com uma avaliação do seminário de socialização dos resultados do módulo anterior, para a escolha do desenho dentre as 12 ilustrações produzidas pelos(as) jovens, a ser utilizado como logomarca do projeto. Também foi escolhida a cor mais adequada para a camiseta e a bolsa que levaria a logomarca.

Os caminhos percorridos até a definição da identidade visual do projeto provocaram discussões sobre raça/etnia e gênero, uma vez que a imagem escolhida pelos(as) guerreiros(as) foi aprimorada para que se adequasse ao perfil dos(as) participantes e aos conteúdos trabalhados com eles(as). O mais importante foi constatar que a imagem final ficou com a “cara” dos(as) guerreiros(as).



Eu aprendi muito sobre o ECA e sei que posso ensinar a outras pessoas sobre direitos da criança e do adolescente...

Rafaela Mirielen, da comunidade de San Martin

No mesmo momento, ocorreram debates acerca dos direitos humanos, tendo como base as referências que os(as) adolescentes já possuíam sobre o assunto. Nenhum deles(as) conhecia o termo “direitos humanos”, nem tinha ouvido falar das referências negativas, como as que descrevem os defensores dos direitos humanos como pessoas que “ajudam bandidos”.



Encontros com grupo de adolescentes

Os meninos(as) conheceram o histórico da construção dos direitos humanos, lendo e selecionando artigos da Declaração Universal dos Direitos Humanos e interpretando-os por meio de colagem, com figuras retiradas de jornais e revistas.

Os resultados foram positivos, mas os(as) guerreiros(as) tiveram dificuldades para compreender o contexto político e histórico que culminou com a aprovação da declaração, uma vez que a escola formal não aborda profundamente estes conteúdos, nem tampouco a crise nas relações políticas das chamadas grandes potências, que culminou com a 2ª Guerra Mundial.

O cinema contando a história

Uma estratégia para que os(as) jovens pudessem compreender a origem da Declaração dos Direitos Humanos foi contar os fatos históricos por meio de filmes. A película escolhida foi “O pianista”, do cineasta polonês Roman Polanski, que retrata como um músico polonês consegue escapar do exército alemão, fugindo do Gueto de Varsóvia. A fita é rica em detalhes do contexto histórico e mostra como toda a população judaica de Varsóvia foi tratada, com base na ideologia da supremacia racial.

O debate sobre o filme foi muito interessante. Muitos(as) adolescentes nunca tinham ouvido falar no que aconteceu na 2ª Guerra Mundial, alguns até tinham assistido a filmes sobre o assunto, mas não haviam entendido porque não sabiam do que se tratava, uma vez que a Declaração foi aprovada em 1948, quando o mundo ainda estava sob o impacto do final do conflito.

O filme contribuiu para que os(as) jovens passassem a dar uma maior importância à Declaração dos Direitos Humanos. Eles(as) foram estimulados(as) a identificar se as violações nas comunidades, que fazem parte do cotidiano das pessoas, podem ser consideradas como atentados aos direitos humanos. A maior parte dos participantes respondeu positivamente e citou os seguintes exemplos:

- não poder ir e vir no próprio país;
- ser culpado do que não fez, em vez de ser considerado inocente, até que se prove o contrário;

- tratamento desigual, com distinção de raça, religião, cor;
- agressão física;
- humilhação;
- falta de liberdade;
- falta de proteção à criança (morte, trabalho infanto-juvenil, humilhação);
- desrespeito ao direito à vida;
- falta de alimentação;
- não ter direito a médico e saúde;
- abuso de poder;
- desrespeito à dignidade;
- escravidão (não poder escolher o meio de trabalhar);
- não poder se comunicar;
- desrespeito à propriedade.

Identificando a violência

O aprofundamento dos debates do grupo acerca do fenômeno da violência partiu da necessidade, apontada pelos(as) próprios(as) adolescentes, de ter maior fundamentação para dialogar com suas comunidades. Isto porque os(as) moradores(as) geralmente encaravam a frequência das agressões e violações de direitos humanos como sendo “naturais”.

Até mesmo os(as) guerreiros(as) faziam gozação com os integrantes do grupo que residiam em áreas tradicionalmente mais violentas. Este comportamento causou insatisfação e incômodo, levando a equipe do Cendhec a questionar se a brincadeira e a banalização da violência não seria uma forma de discriminação e, portanto, de reprodução de um tipo de violência.

Foi então que os(as) facilitadores(as) tentaram descobrir a percepção que os(as) participantes tinham sobre a violência, procurando refletir com eles(as) as diversas expressões do fenômeno em suas localidades.

Metodologia

Os(as) guerreiros(as) foram convidados(as) a procurar, nas páginas policiais dos jornais locais, matérias que abordassem os tipos mais frequentes de violência. Depois, eles(as) classificaram as reportagens por assunto e analisaram os textos. Daí constataram que algumas dessas expressões são mais visíveis do que outras. O grupo relacionou os tipos de violência como sendo:

- física;
- psicológica;
- verbal;
- sexual;
- doméstica;
- racial (preconceito);

- contra a mulher;
- policial;
- contra crianças e adolescentes;
- contra idosos;
- no trânsito.

Com base nessas definições, os(as) guerreiros(as) partiram para o trabalho de campo.

Exercício 1 - Entrevistando a comunidade

Tempo estimado: um dia

Material: caderno e caneta

Tratou-se de uma pesquisa nas comunidades, quando os(as) jovens levantaram a ocorrência dos vários tipos de violência, bem como o perfil das vítimas e as áreas mais inseguras de cada localidade.

Eles(as) entrevistaram pessoas conhecidas, que já haviam passado por situações de agressão, utilizando, para isso, um roteiro construído com todo o grupo, adaptando-o de acordo com a situação e a necessidade.

Exercício 2 - Entrevistando os policiais

Os(as) guerreiros(as) decidiram levantar dados com autoridades policiais do bairro onde moravam, na tentativa de responder às seguintes questões:

- Conte um pouco sobre o trabalho realizado pelo posto ou pela delegacia.
- Que tipos de ocorrência são mais comuns?
- Que tipos de ocorrência são menos comuns?
- Quais os números destas ocorrências?
- Qual a maior dificuldade da polícia em enfrentar a violência?

O primeiro obstáculo a superar foi o receio dos(as) jovens em entrar em contato com os policiais, pois estavam habituados(as) à imagem violenta da corporação. No entanto, o contato com os profissionais trouxe uma outra dimensão da realidade. Enquanto alguns tiveram medo de responder às perguntas dos(as) guerreiros(as), outros não quiseram revelar a identidade.

Como os policiais vêem a violência

Entrevista com policial do núcleo de Cordeiro

1. Conte um pouco sobre o trabalho realizado pelo posto ou pela delegacia.

R. Aqui nós registramos ocorrências de agressão física, moral, calúnia, assalto, roubo.

2. Que tipos de ocorrência são mais comuns?

R. Roubo.

3. Que tipos de ocorrência são menos comuns?

R. Comunicação (violência verbal) e desaparecimento.

4. Quais os números destas ocorrências?

R. Por dia, de 70 a 100.

5. Qual a maior dificuldade da polícia em enfrentar a violência?

R. Se for para eu falar a verdade, vou terminar sendo preso.

OBS. Quando o grupo estava fazendo a última pergunta, entrou na sala um outro policial, que também disse que esta pergunta não poderia ser respondida. Eles começaram a sorrir e diziam: “É problema”.

Entrevista com policial que atua em Campina do Barreto / Chão de Estrelas

1. Conte um pouco sobre o trabalho realizado pelo posto ou pela delegacia.

R. Estamos sempre dando segurança à comunidade.

2. Que tipos de ocorrência são mais comuns?

R. Agressões familiares.

3. Que tipos de ocorrência são menos comuns?

R. Agressões físicas.

4. Quais os números destas ocorrências?

R. De três a quatro por dia.

5. Qual a maior dificuldade da polícia em enfrentar a violência?

R. As leis que impedem. Por exemplo: prendemos agora e mais tarde estão todos soltos.

Entrevista com policial que atua na UR-1 (Barro)

1. Conte um pouco sobre o trabalho realizado pelo posto ou pela delegacia.

R. Cobre toda a área e mais outros bairros. É o núcleo que mais trabalha. Também presta socorro em muitas ocorrências: convulsões, doentes mentais, pessoas com infarto etc.

2. Que tipos de ocorrência são mais comuns?

R. Roubos, assaltos (inclusive a doentes mentais).

3. Que tipos de ocorrência são menos comuns?

R. Violência contra a mulher.

4. Quais os números destas ocorrências?

R. Setenta por cento das ocorrências são da Vila dos Milagres.

5. Qual a maior dificuldade da polícia em enfrentar a violência?

R. Viaturas quebradas, população que não ajuda por medo de dar informações e só critica, ruas esburacadas e sem pavimentação.

Depoimento: Marcelo (nome fictício, a pedido do policial)

Função: soldado do Posto Policial João Cabral de Melo Neto (San Martin)

A Delegacia do Cordeiro recebia muitas queixas de assalto e a maioria era justamente nessa ligação (nesse trecho) de San Martin com Estância. Então a Coordenação Geral de Polícia se reuniu e decidiu montar este posto no local do perigo. Para nós, é um pouco difícil, pois somos apenas três e, às vezes, eles (os bandidos) andam em bandos grandes. Mas, segundo o nosso delegado, as queixas, depois do nosso posto, caíram em 65%. Também temos algumas viaturas fazendo ronda pelas ruas do bairro. As ocorrências mais comuns são os assaltos, que acontecem no bairro de várias maneiras. Quando usam armas, chamamos de “assalto à mão armada”; temos assalto sob ameaças, que é aquele onde o indivíduo não está armado, mas ameaça a vítima como se estivesse. As ocorrências menos comuns no bairro de San Martin são o estupro, que chamamos de atentado violento ao pudor. Esse anos (2004) só registramos um caso e foi apenas uma tentativa. E não foi em San Martin, foi no Vietnã, mas registramos como se fosse no bairro, pois, só assim, a vítima poderia prestar queixa de imediato, no nosso posto. Infelizmente não temos números exatos das ocorrências, só a delegacia pode informar. Mas pelos casos que emboscamos, são cerca de seis assaltos por semana, só na região onde o nosso posto faz cobertura. A nossa maior dificuldade é enfrentar os bandidos, pois a cada dia que passa, eles evoluem mais e nós não estamos equipados para enfrentá-los.

Como os(as) moradores(as) vêem a violência

Assim como os policiais, os(as) moradores(as) demonstraram apreensão em revelar sua identidade e muitos(as) preferiram omitir o nome. Os grupos fizeram as entrevistas sem gravador, anotando, relatando e, algumas vezes, identificando o tipo de violência que aconteceu em cada situação relatada.

Os depoimentos motivaram o grupo a escrever cartas: uma pessoa relata a violência ocorrida com um amigo; outra começa analisando o que é violência e acaba por revelar sua própria dor, após ter vivenciado situações de agressão:

A.P.G, 16 anos (San Martin I)

Quando vinha do colégio, por volta das 21 horas, vinha sozinha e dois policiais de moto me pararam falando que queriam revistar minha bolsa. Eu entreguei minha bolsa a um deles, enquanto o outro ficou me olhando dos pés à cabeça. Começaram a dizer gracinhas comigo. Fiquei com muito medo, pedi minha bolsa e eles disseram que só iriam me dar se eu lhes desse um beijo, mas peguei minha bolsa e corri. Um deles passou a mão na minha bunda e ainda ligaram a moto para ir atrás de mim, mas por sorte apareceu um casal que eu conhecia e fiquei disfarçando. Eles (os policiais) passaram olhando pra mim. Fiquei chorando desesperadamente e eles (os conhecidos) perguntaram o que aconteceu, mas eu não tive maneiras de falar por estar tão nervosa. Fiquei com medo de contar, mas contei. Eles me deram conselhos de como eu devia tomar uma atitude. Mas fiquei com medo de denunciar, pois eles (os policiais) poderiam me pegar.

K.K, 14 anos (San Martin I)

Quando eu ia fazer compras, tinha uma mulher que não gostava de negros. Quando eu estava entrando no mercadinho, ela disse que não compraria nada onde uma negra comprasse. Fiquei morrendo de vergonha porque ela falou muito alto e todos que estavam no mercado olharam pra mim e ficaram comentando entre si. Fingi que não era comigo e continuei a fazer compras. Algumas pessoas vieram falar comigo para que eu pudesse denunciá-la, até pensei em fazer isso mas desisti pelo simples fato de que nada iria acontecer com ela, pois ela é esposa de um policial e tem condições financeiras. Eu, simplesmente, trabalho em casa de família, sou pobre e sou negra.

R.E.B, 29 anos (San Martin I)

Meu marido bebeu muito e quando chegou em casa queria ter relações sexuais comigo, mas eu não podia pois estava cuidando de nossa filhinha mais nova. Ele ficou irado comigo, começou a me esculhambar. De repente, começou a me espancar e eu estava com uma criança de apenas seis meses no braço. Fiquei de costas pra ele, para defender o bebê. Apanhei muito, mas fiquei feliz por não ter atingido a criança. Os vizinhos vieram me ajudar, chamaram a polícia e ele foi detido. Pagou uma “taxa” aos policiais e foi solto. Ainda hoje ele fica me ameaçando de morte.

J.G.S (San Martin II)

P. O senhor já sofreu algum tipo de violência?

R. Eu tanto já sofri violência, como já presenciei. Eu tinha recebido o meu salário e estava em casa. Era de manhã cedo. Então resolvi pegar o carro de mão pra fazer

a minha feira no mercadinho mais barato. Atravessei a Avenida Caxangá, continuei andando e quando eu cheguei perto da praça do skate, lá vinham dois rapazes. Eu não desconfiei de nada e eles ficaram mais próximos de mim; de repente, eles anunciaram o assalto. Eu não reagi e entreguei o dinheiro da minha feira. Eu não podia fazer nada, eles estavam armados e, se eu reagisse, seria uma besteira que estaria fazendo.

P. O que o senhor acha da violência?

R. A violência é algo horrível, sem explicação. Eu não sei como um ser humano pode ser tão cruel, a tal ponto de tirar a vida do outro, às vezes, até por um real. Vejam só quanto está valendo a nossa vida. O que eu acho da violência? Não precisa nem dizer, basta você olhar para o rosto de uma pessoa quando sai pra rua, ou até mesmo em casa, que você tem medo delas (das pessoas). A qualquer momento você pode ser uma vítima da violência.

W.J (San Martin II)

P. O senhor já sofreu algum tipo de violência?

R. Bem, vou contar o que presenciei (aqui), pois o que sofri já faz muito tempo e não foi na comunidade. Bem, era um domingo e eu tinha chegado em casa e estava lá dentro, porque eu tinha ouvido que tinha um homem perigoso (Dal) no bairro. Estava lá no bar bebendo e dizendo que ia matar muitas pessoas. Então, já que ele estava à solta, resolvi ficar dentro de casa. Daí (eu soube que ele) tinha ameaçado uma família que ele achava que (...) tinha matado o irmão dele. Então, quando a família soube que ele estava na rua, resolveu atacá-lo antes que ele atacasse primeiro. Ele entrou no beco onde eu moro (...). Pegaram ele na emboscada (...). Eu estava vendo alguma coisa pelo buraco da fechadura e estava escutando. Não tinha para onde correr, deram vários tiros nele, foi execução mesmo, um verdadeiro terror naquela noite. É, bem que dizem que violência gera mais violência. Com alguns meses, a família de Dal (o rapaz emboscado) matou um dos irmãos da outra família. Ele estava no campo com vários amigos, inclusive meu irmão. Um dos assassinos queria matar todos que estivessem ali, mas resolveu matar só o da outra família. Outra execução e nesta quase o meu irmão vai junto. Bem, existem muitos outros depoimentos de morte na minha comunidade, mas se isto só fosse na minha comunidade...

P. O que o senhor acha da violência?

R. Algo ruim, que só vem pra trazer infelicidade para a população.

O mapa da violência nas comunidades

Os(as) guerreiros(as) realizaram 15 entrevistas com vítimas de violência nas comunidades e identificaram casos de:

- violência institucional (01);
- violência psicológica (01);
- violência física/criminalidade (07);
- violência sexual (03);
- violência racial (01);
- violência doméstica (02).

A constatação dos tipos de agressão pelos(as) guerreiros(as) foi acompanhada de reflexões sobre quem sofre a violência - o perfil dos(as) agressores(as), onde acontece e qual o tipo mais denunciado. A análise foi interessante porque os(as) participantes compreenderam que cada forma de violência tem suas características e precisa ser analisada separadamente.

Os(as) jovens também constataram que o resultado poderia ter sido mais abrangente se as pessoas não tivessem receio em revelar detalhes da sua história de vida. Dois grupos não conseguiram entrevistar ninguém, porque todos(as) os(as) moradores(as) abordados(as) preferiram não revelar agressões que haviam sofrido ou presenciado. De certa forma, o pavor percebido pela equipe entre os(as) moradores(as) tem relação com as queixas de alguns policiais.

Com estes últimos, foi mais difícil colher dados, uma vez que muitos se recusaram a comentar as dificuldades para enfrentar a violência nas comunidades, temendo sofrer punição. Mas o grupo fez cinco entrevistas nos seguintes locais:

- Quartel da Cavalaria da PM em San Martin;
- Delegacia do Cordeiro;
- Posto Policial João Cabral de Melo Neto;
- Polícia Militar - Núcleo UR-1;
- Polícia Militar - Núcleo UR-2.

As principais dificuldades apontadas pelos policiais para enfrentar a violência foram:

- infra-estrutura deficiente de delegacias e postos policiais;
- legislação que favorece a impunidade;
- pessoal insuficiente para atender à demanda;
- comunidade que não denuncia os casos de violência;
- armamento inadequado/obsoleto por parte dos policiais.

Os dados foram analisados pelos subgrupos, que se reuniram para avaliar as informações e prepará-las para apresentar no seminário sobre o trabalho de campo, ocorrido no final do módulo.

Exercício 3 - Escrever uma carta falando sobre a violência

Tempo estimado: uma hora

Material: canetas e papéis

Com base em todas as informações coletadas e analisadas, foi solicitado que escrevessem sobre:

- qual a definição pessoal de violência;
- como percebem suas causas e efeitos;
- se já passaram por experiências violentas.

EXEMPLO DE CARTA SOBRE VIOLÊNCIA DE T...

Violência é o que nós fazemos (ou falamos) que agride o outro. Vai de uma surra a uma palavra. Enfim, violência é tudo aquilo que nós fazemos com o outro, que fere e machuca.

A violência não é difícil de aparecer, mas suas marcas demoram muito a sumir. Eu acho que não existe causa definida para a violência, mas, de repente, alguém que se irrita com alguma coisa, agride o outro e isto já é uma das causas da violência. A violência se expressa no rosto de quem já muito sofreu. E ocorre de diversas maneiras: nas ruas, em casa, com os amigos ou no trabalho. Eu já sofri situações de violência. Já foi de palavras que me disseram, surras e até tentativa de estupro que sofri de um ex-padrasto. Eu prefiro não lembrar deste assunto que tanto me dói!

Analisando as cartas

Nas cartas sobre a experiência pessoal com a violência, foi possível conhecer algumas histórias de vida marcadas pela agressão, como ficou evidenciado no exemplo anterior. Outro aspecto percebido foi que a maioria definiu o fenômeno como individual, não havendo referências sobre a violência estrutural.

Essa constatação levou os(as) guerreiros(as) a realizarem mais uma discussão para avaliar o conteúdo das cartas e a refletirem que a violência também ocorre pela ação ou omissão dos governantes, quando não executam políticas públicas para atender aos direitos das pessoas. Violência pode existir pela falta de vontade política em resolver as questões sociais pendentes - pobreza, saúde pública deficiente e falta de fiscalização para deter o trabalho infanto-juvenil, entre outras.

Exercício 4 - Discutindo os direitos da criança e do adolescente

Tempo estimado: três horas

Material: textos da Declaração Universal dos Direitos da Criança e do Estatuto da Criança e do Adolescente, cartolinas, pincéis atômicos, papéis e canetas

Os dois documentos foram distribuídos para todos(as) os(as) participantes, que produziram textos sobre os direitos de crianças e adolescentes, lidos e discutidos durante os encontros.

A reflexão sobre cada um dos direitos fundamentais previstos no estatuto teve como contraponto as responsabilidades pessoal, familiar, do governo e da sociedade em geral, de forma que a discussão de cada direito foi feita relacionando os deveres decorrentes. Os quadros a seguir, produzidos pelos(as) adolescentes, apresentam a produção de alguns grupos, a saber:

Direito à vida e à saúde

Deveres

| | |
|------------|---|
| Eu | Não matar. Manter a higiene. Manter o ambiente limpo. |
| Família | Cuidar do bem-estar da criança e do adolescente. |
| Comunidade | Fazer palestras sobre doenças, higiene, prevenção, e zelar pelo posto de saúde. |
| Sociedade | Perante a sociedade, a criança e o adolescente portadores de deficiência física deverão ter tratamento especializado. |
| Governo | Assegurar, à gestante, o atendimento pré-natal. Fornecer gratuitamente medicamentos, próteses e outros recursos. |

Direito à liberdade

| Deveres | |
|------------|---|
| Eu | Obedecer algumas regras estabelecidas pela sociedade, em alguns casos. |
| Família | Deixar que eu participe de vários espaços; e me orientar. |
| Comunidade | Permitir que eu participe de atividades e decisões (coletivas). |
| Sociedade | Abrir espaços públicos para que eu possa participar sem discriminação. |
| Governo | Fiscalizar e punir quando os meus direitos à liberdade não são cumpridos. |

Direito à convivência familiar e comunitária

| Deveres | |
|------------|--|
| Eu | Respeitar os semelhantes. |
| Família | Dar educação e carinho. |
| Comunidade | Dar espaço e oportunidade para nos expressarmos. |
| Sociedade | Nos aceitar sem nenhuma restrição. |
| Governo | Dar estrutura à família, sociedade, comunidade, para uma boa convivência social. |

Direito à educação, cultura, esportes e lazer

| Deveres | |
|------------|---|
| Eu | Exigir para que os meus direitos sejam válidos. |
| Família | Matricular seus filhos na rede regular de ensino. |
| Comunidade | Mobilizar-se para que o futuro de suas crianças seja digno. |
| Sociedade | Dar mais oportunidade de escolha e expressão. |
| Governo | Apoiar projetos sociais que envolvam crianças e adolescentes. |

A política de atendimento e o Sistema de Garantia de Direitos de meninos e meninas foram temas abordados, tendo como referência as informações que os(as) adolescentes tinham das suas comunidades e sobre o Recife. Neste momento, eles(as) conheceram o papel dos órgãos - Conselhos de Direitos e Tutelares, Órgãos de Justiça e Segurança, e Centros de Defesa, interligados para a proteção integral dos seus direitos, a fim de também poderem montar os eixos do Sistema de Garantia de Direitos, de modo a ter uma visão mais aprofundada de todos os mecanismos à disposição da sociedade, em caso de violação de algum direito de crianças e adolescentes.

Observando o trabalho infanto-juvenil nas comunidades

O grupo entrou em contato com normas e legislações específicas, em níveis nacional e internacional, como as convenções 138 e 182 da OIT, a Consolidação das Leis Trabalhistas e a legislação sobre o trabalho doméstico.

Além disso, os(as) guerreiros(as) discutiram mitos culturais relativos ao trabalho infantil, muito fortes dentro de suas comunidades e que terminam por legitimar a permanência de crianças e adolescentes antes da idade legal no mundo do trabalho. Frases que reforçam a idéia de que criança pobre tem mesmo é que trabalhar para “ajudar a família”: “Criança que trabalha fica mais responsável”; “É melhor trabalhar do que ficar na marginalidade”; “O trabalho enobrece”.

Entretanto, os(as) guerreiros(as) também chegaram à conclusão de que o trabalho infantil não pode só ser explicado pela pobreza, mas por uma cultura que valoriza o trabalho no contexto de uma sociedade capitalista.

Com base nos conhecimentos obtidos, foi possível realizar um levantamento observando o cotidiano e a realidade de cada comunidade. Os subgrupos fizeram um levantamento das várias expressões do trabalho infantil nos bairros, bem como das tarefas inerentes a estas atividades e dos riscos para o desenvolvimento de crianças e adolescentes. O resultado pode ser constatado no quadro a seguir:

Trabalho infantil na comunidade

| Atividades | Tarefas executadas | Condições de trabalho |
|--|---|--|
| Cortador de capim | Corta, carrega e fornece para os cavalos. | Usa enxada, facão, serra. Tem risco de se cortar. |
| Catador de papelão | Cata o papelão no lixo, carrega, separa, pesa e vende. | Risco de pegar doenças no lixo, pois não usa luvas; carrega peso, podendo prejudicar a coluna. |
| Vendedor de verduras, doces e outros alimentos | Compra, transporta e vende o produto. | Carrega peso, sente cansaço, corre o risco de ter desidratação, pois trabalha sob sol forte. |
| Vigilantes noturnos (turma do apito) | Passa a noite acordado, observa as casas, apita para se comunicar com os outros vigilantes. | Risco de sofrer violência física por parte de assaltantes e gangues. |
| Vendedor de Cds piratas | Transporta e vende Cds piratas. | Risco de ser preso, pois o produto é ilegal, e de sofrer acidentes, pois trafega pelas ruas. |
| Catador de latinhas | Cata, amassa, transporta e vende latas de cerveja e refrigerante por quilo. | Risco de sofrer cortes e contrair infecções e doenças, pois tem contato com lixo sem o uso de luvas. |
| Embalador de compras em supermercados | Embala compras em supermercados e feiras livres. | Trabalha sem direitos trabalhistas e pode ser demitido a qualquer momento; também carrega peso. |
| Vendedor de drogas | Embala e vende drogas como crack, maconha e cocaína. | Risco de ser preso e morto por traficantes e policiais, além de ficar dependente das drogas. |
| Ajudante de pedreiro | Transporta material de construção e mexe a massa de cimento. | Pode cortar mãos e pernas; carrega peso e tem dores nas costas. |
| Vendedor de produtos de limpeza | Prepara (fabrica), embala e transporta os produtos em carros de mão. | Risco de alergia e intoxicação. |
| Trabalhadora doméstica | Cuida de crianças, limpa, arruma, cozinha, lava e passa roupas. | Responsabilidade com as crianças; cansaço; risco de humilhações, queimaduras e violência sexual. |

A pesquisa de campo foi outra tentativa de aproximar o grupo da realidade do trabalho infantil, em suas comunidades, e consistiu na realização de um estudo com 15 crianças e adolescentes trabalhadores(as), além de mais 14 retirados(as) do trabalho infantil através do Peti - Programa de Erradicação do Trabalho Infantil. O roteiro do levantamento foi elaborado sob a orientação da equipe técnica do Cendhec.

Roteiro 1 - Entrevista com trabalhadores infanto-juvenis

1. Qual é o seu nome e a sua idade?
2. Quais são as atividades que você faz?
3. O trabalho prejudica a escola?
4. Quantas horas você trabalha por dia?
5. Quanto ganha?
6. Tem patrão?
7. O que faz com o dinheiro? Para que o dinheiro é utilizado?
8. Por que trabalha?
9. Você começou com que idade?
10. Quem na sua casa trabalha fora você?
11. O que é mais difícil no seu trabalho? Já sofreu algum acidente?
12. Sabe a partir de quantos anos pode trabalhar?
13. Sabe alguns dos direitos de crianças e adolescentes? Se sim, quais são?
14. Gosta do seu trabalho? Por quê?
15. Qual é o sonho do seu futuro?

Roteiro 2 - Entrevista com participantes do PETI

1. Qual é o seu nome e a sua idade?
2. Você estuda em que série? Já repetiu de ano?
3. Em quê você trabalhava antes de entrar no Peti?
4. Quanto você ganhava quando trabalhava?
5. O que mudou na sua vida depois que você entrou no Peti?
6. Quais são as atividades que você faz durante a jornada ampliada?
7. O que você mais gosta no Peti?
8. O que você menos gosta no Peti?
9. O que você acha que deveria mudar no Peti?
10. O que você faz com a bolsa do Peti? Em que o dinheiro é utilizado?
11. Você gosta mais de trabalhar ou de estar no Peti?

Os principais resultados obtidos nas entrevistas com os(as) adolescentes do Peti foram:

- a maior parte deles tinha entre 13 e 14 anos;
- nove eram do sexo feminino e cinco do sexo masculino;
- a bolsa do Peti é uma ajuda para as famílias;
- antes do Peti os adolescentes ganhavam entre R\$ 15,00 e R\$ 50,00 mensais;
- a maioria trabalhava como vendedores(as);
- quatro disseram que o Peti mudou as suas vidas e cinco afirmaram que nada havia mudado;
- as atividades que os(as) adolescentes mais gostam de fazer no Peti: brincar e praticar esportes;
- os principais problemas citados foram o atraso no pagamento das bolsas e o despreparo dos educadores;
- a bolsa é entregue à mãe em sete casos e em cinco é gasta pelo próprio(a) adolescente;
- as mudanças que gostariam de ver no Peti: que a bolsa saísse mais rápido; que houvesse mais materiais para os núcleos da Jornada Ampliada e que fosse aumentado o valor da bolsa;
- os(as) entrevistados(as) ficaram divididos(as) se preferiam continuar trabalhando ou estar no Peti.

Teatro de Bonecos: direitos com gosto de quero mais



Teatro de bonecos

O tema “trabalho infantil” foi abordado durante mais dois encontros de oito horas e no trabalho de campo realizado em um dia, utilizando a leitura e discussão de textos, a análise do vídeo “Profissão Criança” da Unesco e as dramatizações das histórias da cartilha “Elas não brincam em serviço: 12 histórias de crianças e adolescentes no trabalho doméstico” - produzida pelo Cendhec em parceria com a OIT e a Save the Children Reino Unido.

O material utilizado serviu de base para entender melhor como ocorre o trabalho infantil nas comunidades. A oficina com teatro de bonecos aconteceu em finais de semana, paralela às outras atividades do grupo. Foi uma maneira lúdica de trabalhar conteúdos fortes e pesados com leveza e criatividade. Uma crença que se pode aprender e ensinar através do riso e do prazer.

Oficina básica - técnicas de teatro de bonecos para jovens multiplicadores

Carga horária

20 horas/aula por turma

Número de encontros

Cinco aulas de quatro horas por turma

Número máximo de participantes por turma

20 adolescentes

Total de turmas

Dois grupos de 20 participantes (cada)

Profissionais envolvidos

Quatro técnicos (dois arte-educadores, uma comunicadora e uma psicóloga)

Grupo responsável

Mão Molenga Teatro de Bonecos

Eu aprendi muitas coisas nesses meses; entre todas, me identifiquei mais com o teatro de bonecos... Através deles, consegui passar informações. Que informações? Sobre trabalho infantil, direitos humanos”...

Ana Lúcia, da comunidade Caxangá.

Eu acho que os bonecos me fizeram ver as coisas de outras formas, como lidar com um texto, com o público e inventar história, o que é muito importante também... Na minha oficina, eu falei de uma coisa muito importante: o abuso sexual na casa de família se tornou uma brincadeira, mas o que falamos é muito sério”.

Cíntia/Jaqueline e Clayton, da UR-2 (Ibura)

Programa da oficina

- Expressão corporal (iniciação ao teatro de bonecos)
- Confeção de bonecos em sucata e papel machê
- Manipulação de fantoches e dramatização de textos com bonecos

Objetivo geral

- Ampliar a capacidade de adolescentes em multiplicar informações educativas sobre o trabalho infanto-juvenil doméstico

Objetivos específicos

- Introduzir o teatro de bonecos como uma técnica para a multiplicação de informações educativas
- Iniciar adolescentes em técnicas básicas de expressão corporal
- Apresentar informações sobre a dimensão lúdica e crítica do teatro de bonecos
- Capacitar adolescentes na confecção de bonecos em sucata e papel machê
- Repassar a técnica da manipulação de fantoches
- Realizar dramatizações educativas a partir de textos e peças publicadas em cartilhas do Cendhec

Os resultados das oficinas levaram o grupo a constatar que multiplicar informações de cunho educativo sobre o trabalho infanto-juvenil doméstico é uma tarefa que pode ser facilitada se os(as) jovens multiplicadores(as) dispuserem de “ferramentas” para conquistar seus interlocutores. Uma estratégia bem-sucedida em oficinas anteriores, com os(as) próprios(as) adolescentes foi a utilização do teatro de bonecos.



Oficina de teatro de bonecos

A arte, tradicional em diversas partes no mundo, aparece na cultura popular de Pernambuco sob a forma do mamulengo. Seus fantoches coloridos e descontraídos dialogam com a platéia, introduzindo temas com razão e emoção, sempre atraindo a atenção de crianças, adolescentes e adultos.

Em sua história, o mamulengo foi usado para “brincar”, como diziam os artistas populares, mas também para exercer uma crítica aos costumes da sociedade da qual faziam parte. A presença marcante no imaginário nordestino e a empatia alcançada com o uso do teatro de bonecos, nas oficinas realizadas com os(as) jovens multiplicadores(as), indicam o potencial de desenvolvimento desta arte a serviço da cidadania de crianças e adolescentes.

A oficina básica trouxe elementos que auxiliaram os(as) adolescentes, ampliando sua capacidade de comunicação com pequenas platéias. Os(as) participantes aprenderam técnicas de confecção de bonecos para teatro, feitos com sucata, utilizando materiais de baixo custo e presentes no dia-a-dia, bem como a modelar cabeças em papel machê, uma técnica de baixo custo e relativa facilidade de execução que produz objetos artísticos de boa durabilidade.

De posse de seus bonecos, os(as) participantes treinaram a movimentação dos fantoches e realizaram intervenções teatrais a partir de histórias publicadas nas cartilhas do Cendhec.

Embora a oficina tenha sido realizada em um curto período de tempo, os resultados logo foram vistos. Um exemplo disto foi a realização de apresentações com grupinhos formados pelos(as) próprios(as) guerreiros(as). Um deles, seguindo a tradição do mamulengo, arriscou improvisar cenas sobre direitos da criança para uma platéia atenta, composta por adultos e crianças da comunidade Caxangá.

Compartilhando experiências vividas no Módulo III

Para socializar as vivências do grupo durante as atividades do Módulo III, foi realizado um seminário de devolução dos resultados, no auditório do Sinttel. Como todos os eventos, este também foi organizado por uma comissão composta por adolescentes e equipe técnica do projeto. Durante o encontro, os grupos construíram várias propostas para prevenção e erradicação do trabalho infantil.

Além do seminário, os(as) guerreiros(as) realizaram a segunda mostra fotográfica para dar visibilidade às diversas formas de trabalho infantil identificadas em suas comunidades. A exposição foi tão bem-sucedida que a gerência do Peti, no Recife, solicitou que as fotos fossem expostas nos núcleos do projeto.

Seminário de encerramento do Módulo III (programação)

- 10:00h Apresentação da pesquisa sobre violência, pelas adolescentes Juliana Alves e Verônica Bernardo (debatedora: Rivane Arantes, advogada do Gajop)
- 11:00h Trabalho em subgrupos para construção de propostas de soluções para a violência.
- 12:00h Apresentação de subgrupos.
- 12:30h Intervalo
- 14:00h Apresentação dos resultados da pesquisa sobre o trabalho infantil nas comunidades, pelas adolescentes Ana Célia Gomes e Luzia Costa (debatedoras: Felícia Mendonça, auditora fiscal da DRT/MTE, e Bernadete Gondim, gerente do Peti em Recife).
- 15:00h Trabalho em subgrupos para a construção de propostas para prevenção e erradicação do trabalho infantil nas comunidades.
- 15:30h Apresentação dos subgrupos.
- 16:00h Encerramento

Seminário/trabalho de campo sobre violência e trabalho infantil - propostas para prevenção e erradicação do trabalho infantil



Seminário de socialização dos trabalhos de campo

Caxangá / UR-3

- Fazer um trabalho de conscientização em todas as comunidades
- Aumentar os empregos para os pais trabalharem (e não as crianças)
- Dar mais oportunidade a essas crianças com cursos profissionalizantes, atividades esportivas, aulas de cidadania etc
- Fazer um trabalho de conscientização entre as próprias crianças
- Realizar palestras para mostrar às crianças os seus próprios direitos

San Martin I

- Convencer as empresas a contratarem adolescentes aprendizes
- Conscientizar os pais a não deixarem seus filhos trabalhar
- Oferecer cursos para adolescentes de todas as idades
- Aumentar o dinheiro do Peti
- Conscientizar os próprios adolescentes de que o trabalho infantil é ilegal
- Dar continuidade ao projeto Agentes Guerreiros da Cidadania
- Atuar na comunidade

Campina do Barreto / Chão de Estrelas

- Beneficiar adolescentes com bolsas
- Ajudar financeiramente as famílias
- Realizar palestras sobre trabalho infantil para pais e crianças
- Oferecer cursos profissionalizantes
- Conseguir vaga nas escolas próximas de casa
- Possibilitar trabalho para os pais
- Oferecer esporte e lazer para os jovens
- Gerar ocupação e renda (mesada)

San Martin II

- Gerar mais empregos para os pais
- Oferecer cursos profissionalizantes
- Viabilizar mais programas que abriguem crianças e adolescentes
- Fornecer mais material escolar, porque há crianças que estudam sem dinheiro para comprá-lo

Novo Caxangá

- Fiscalizar os programas existentes
- Oferecer cursos profissionalizantes
- Realizar palestras com grupos capacitados (no assunto abordado)
- Divulgar materiais explicativos sobre o trabalho infantil
- Aumentar a bolsa-auxílio do Peti
- Capacitar profissionais para lidar com os jovens do Peti

UR-2 / Milagres

- Ter mais oportunidades para crianças e adolescentes menores de 16 anos
- Realizar palestras nas comunidades com pais de crianças trabalhadoras domésticas
- Duplicar mais projetos para os jovens, que sejam remunerados (Ex: Esporte Solidário)
- Oferecer cursos profissionalizantes remunerados
- Cumprir as leis e aumentar o número de fiscais no trabalho infantil
- Viabilizar mais projetos educativos

3 Elaborando projetos comunitários



Nesta fase do projeto, pertencente ao Módulo IV, os(as) guerreiros(as) participaram de seis encontros voltados para a construção de projetos de intervenção em suas comunidades.

A metodologia utilizada teve como referência o livro “Elaboração participativa de projetos - Um guia para jovens”, de Maria Carla Corrochano e Dílson Wrasse, que apresenta passo a passo a elaboração de um projeto com um grupo de jovens - suas dificuldades e soluções, ao mesmo tempo exercitando esta construção.

Os três primeiros encontros destinaram-se a discutir “o que é um projeto” e “como utilizamos o planejamento em nossa vida cotidiana, mesmo sem percebermos”. Os(as) adolescentes foram convidados(as) a refletir sobre a importância de planejar suas atividades, tanto de mobilização do bairro para o enfrentamento do trabalho infantil, quanto para produzir um trabalho escolar ou mesmo em seu cotidiano. O ato de planejar foi apresentado como uma ação humana por excelência.

Com base nas lições sobre planejamento, o grupo elaborou um diagnóstico da situação do trabalho infantil nos seus bairros, listando os problemas mais significativos relacionados à sua existência, em cada local, segundo as observações do trabalho de campo e a experiência pessoal de cada participante.

Em seguida, os(as) meninos(as) estabeleceram uma ordem de prioridade desses problemas, de acordo com o seu nível de importância e ocorrência, também analisando o grau de controle que cada grupo possuía sobre eles.

Os(as) guerreiros(as) começaram a perceber que cada subgrupo construiu um diagnóstico adotando pontos de vista diferentes. Alguns grupos analisaram o trabalho infantil sob a ótica da família; outros sob a ótica das próprias crianças e adolescentes.

Mesmo com a diversidade das comunidades e dos(as) adolescentes envolvidos(as) em cada uma delas, foi possível o grupo chegar a algumas conclusões gerais, dentre elas a de que eram muitos os problemas relacionados à existência do trabalho infantil, bem como que o fenômeno é de difícil solução e que eles(as) não tinham condições de atuar em todos eles.

Desse modo, houve um consenso de que os(as) guerreiros(as) só teriam condições de intervir informando à comunidade sobre a importância da prevenção e erradicação do trabalho infanto-juvenil precoce. Isto porque, neste campo, eles(as) poderiam atuar com uma maior eficácia no curto espaço de tempo destinado à execução do projeto.

O passo seguinte foi definir qual o objetivo geral de cada projeto, com base no problema prioritário detectado pelos grupos. Os meninos(as) também identificaram seu público-alvo, além dos resultados esperados e ações a serem desenvolvidas para a solução do problema.

Eu aprendi... A conviver em grupo, a dividir os deveres igualmente e também a respeitar os direitos dos outros. O que teve de mais legal foi a nossa experiência em administrar um projeto e também as oficinas (de fotografia e bonecos). Também serão inesquecíveis todas as pesquisas que fiz, de um modo especial, em minha comunidade, pois a cada canto que olho lembro de uma nova descoberta...

Lílian Thaynan, da comunidade de San Martin

Exemplos de diagnósticos feitos pelos grupos:

Novo caxangá

Problemas

- Desemprego dos pais ou baixa renda
- Problemas na educação familiar e escolar
- Descaso da sociedade e dos políticos locais
- Falta de informações por parte da comunidade e das próprias crianças
- Má elaboração e execução dos programas sociais
- Falta de oportunidades para algumas crianças e adolescentes da comunidade

Diagnóstico

- Falta de informação.

Objetivo geral

- Conscientizar a comunidade sobre o trabalho infantil, para tentar evitá-lo.

Ações

- Atividades criativas envolvendo todo o grupo (duas atividades)
- Palestras (uma palestra com os moradores interessados)
- Avaliação com jovens participantes (na segunda e na última semana)

Atividades

- Reunião com o presidente da associação do bairro para disponibilizar espaço físico
- Definição dos horários das oficinas (quatro horas por semana, sempre aos sábados) com o presidente
- Auxílio aos vereadores quanto ao lanche
- Planejamento das atividades sócio-educativas
- Definição do material de trabalho
- Quantificar os jovens que serão inseridos no projeto, para a divisão de facilitadores
- Divulgar informes na associação de moradores

Resultados

- Ao término das oficinas, o grupo atingiu uma parte significativa da comunidade (50 pessoas obtiveram informações para prevenir e diminuir a quantidade de crianças e adolescentes envolvidos(as) no trabalho infantil)
- O público jovem foi estimulado a procurar o Estatuto da Criança e do Adolescente (20 jovens através de oficinas dinâmicas)

San Martin II

Problemas

- Falta de emprego para os pais
- Falta de moradia
- Falta de alimentação
- Não há dinheiro para comprar material escolar
- As crianças e adolescentes querem dinheiro para se divertir e comprar o que querem, pois desejam ser independentes
- O atraso da bolsa do Peti

As crianças e os adolescentes do Peti

- Precisam de mais cultura, esporte, lazer e respeito
- Precisam de mais núcleos, espaços e materiais didáticos
- Precisam de mais orientadores eficientes
- Passam o dia no Peti e trabalham à noite
- Precisam de uma melhor qualidade da merenda
- Precisam de passeios monitorados

Causas

- As próprias crianças e adolescentes não dão ouvidos
- Pensam que trabalhar é bom e ensina a viver
- Têm interesse no dinheiro que vão receber
- Por precisarem muito ou para gastar com besteira

Conseqüências

- Param de trabalhar em casa para trabalhar nas ruas;
- Abandonam a escola;
- Perdem da infância;
- Prejudicam a adolescência;

Estratégias

- Falar de um jeito diferente para estimular crianças e adolescentes
- Mostrar a eles(as) que o trabalho pode prejudicar seu futuro
- Tentar ir à prefeitura para ver se eles(as) conseguem participar do Peti, Bolsa-Escola ou Agente Jovem

Problema principal

- Falta de informação de crianças e adolescentes sobre seus direitos.

Objetivo geral

- Conscientizar crianças e adolescentes sobre os seus direitos.

Definindo as estratégias dos projetos

Após a elaboração dos diagnósticos da situação do trabalho infantil em cada comunidade, cada subgrupo passou a se reunir em separado para montar seu Plano de Ação, com orientação da equipe técnica do Cendhec. Neste momento, foram definidas estratégias específicas de acordo com a realidade de cada bairro.

Dessa forma, foram identificadas as especificidades de cada projeto, em sintonia com a realidade do trabalho infantil nas comunidades, o que inclui diferenciações quanto:

- ao público-alvo (pais, crianças e adolescentes);
- as ações (oficinas, palestras e eventos culturais);
- ao material pedagógico a ser utilizado (vídeos, cartilhas e textos).

Além delas, os subgrupos também relacionaram as possíveis parcerias que poderiam ser construídas para a viabilização de cada projeto, a saber:

| Grupos/ Comunidades | Público-alvo | Principal parceria | Tipo de ação |
|---|-------------------------------|-------------------------|-----------------------------|
| Caxangá | Pais, crianças e adolescentes | Escola | Oficinas e palestras |
| Novo Caxangá | Pais, crianças e adolescentes | Associação de moradores | Oficinas e palestras |
| Campina do Barreto/ Chão de Estrelas | Pais e adolescentes | Escola | Palestras |
| San Martin | Pais e adolescentes | Escola e clube | Palestras e evento cultural |
| San Martin/ Vietnã | Crianças e adolescentes | Escola e clube | Palestras e evento cultural |
| Vila dos Milagres | Crianças e adolescentes | Escola e associação | Oficinas |
| UR-2 | Crianças e adolescentes | Escola | Oficinas |

De posse do Plano de Ação, o desafio seguinte foi redigir a proposta. Cada subgrupo escolheu uma redatora oficial e uma tesoureira para administrar os recursos - sua execução e, posteriormente, sua prestação de contas.

A maior dificuldade apresentada para a redação dos projetos foi a pouca habilidade dos(as) adolescentes na sua elaboração, mesmo quando eles(as) contavam com o que já haviam escrito nas etapas anteriores. Os grupos que demonstraram maior dificuldade foram os que continham jovens com menor grau de escolaridade.

Outro aspecto abordado durante a construção das propostas foi a definição dos indicadores de resultado. Eles(as) precisavam responder às questões: “Como saberemos se conseguimos atingir nossos objetivos”? “Como podemos medir a quantidade e a qualidade das ações que realizamos”?

Com esses questionamentos, os subgrupos traçaram indicadores de quantidade e qualidade, e estabeleceram seus meios de verificação, tais como:

- indicador de quantidade (número de pessoas atingidas);
- indicador de qualidade (nível de informação aferido através da aplicação de questionários, antes e depois das ações).

Em seguida, cada subgrupo elaborou o seu cronograma de atividades e o orçamento. Este último precedido por uma pesquisa de preços realizada pelos(as) tesoureiros(as). Depois de pronto, cada orçamento foi negociado com a equipe técnica do Cendhec, de acordo com as necessidades dos projetos.

Nessas reuniões, a mesma equipe procurou demonstrar para os(as) guerreiros(as):

- a importância de aprender a prever os recursos;
- a necessidade de evitar gastos desnecessários e de conseguir apoio através de parcerias nas próprias comunidades.

Todos os orçamentos apresentados estavam superdimensionados. Os ajustes foram feitos com a orientação do Cendhec e a principal lição aprendida foi distinguir a diferença entre recurso e dinheiro, diante da possibilidade de mobilizar recursos que não necessariamente sejam financeiros. Depois de muita negociação, os projetos ficaram prontos.

Conhecendo os projetos dos Agentes Guerreiros da Cidadania

Projeto “Criança fazendo mudança”

Equipe

- Ana Célia Gomes (17 anos)
- Ana Lúcia Gomes (18 anos)
- Jucicleide Lima (17 anos)
- Patrícia Santos (17 anos)

Local

Comunidade Caxangá (Recife/PE)

Contato

Rua Engenho Poeta, 150 A
Bairro Caxangá
CEP 50.800-180
Recife/PE

Responsabilidades

- Patrícia Santos (tesoureira)
- Ana Célia dos Santos Gomes (relatora)

Quem somos

Definir quem somos já faz parte de nossas vidas, pois como jovens estamos sempre nos fazendo estas perguntas. Bom, discutindo entre nós, chegamos à conclusão de que somos quatro jovens entre 17 e 18 anos, que gostam do lado social e querem ver e fazer mudanças, mais especificadamente contra o trabalho infantil. E, como sabemos que isto não é nada fácil, contamos com a ajuda de vocês para atuarmos na nossa comunidade, realizando o projeto “Criança fazendo mudança”. Somos Agentes Guerreiros da Cidadania (Ana Célia, Ana Lúcia, Jucicleide e Patrícia).

Onde será executado o projeto

O nosso projeto se realizará na comunidade Caxangá (ruas Engenho Poeta e Almirante João Pascoé), local onde moramos e temos conhecimento dos problemas. O bairro é simples e humilde, existe há mais ou menos 45 anos, localizado a oeste da cidade. Apesar dos problemas, tem belezas como suas ruas históricas, os grandes clubes e uma bela avenida. Da formação da comunidade até hoje, várias mudanças já ocorreram - umas boas e outras ruins. Problemas como segurança aqui não são tão grandes, mas a saúde deixa a desejar. Os moradores são acolhedores, porém pouco informados.

Justificativa

Como moradores da Caxangá, têm sido fácil, para nós, observar as condições do bairro. Convivendo, presenciamos os motivos que geram e agravam a situação do trabalho infantil, cujas principais causas são desemprego ou baixa renda dos pais, problemas na educação familiar e escolar, descaso da sociedade e das políticas locais, falta de informação por parte da comunidade e das próprias crianças, má elaboração e execução dos programas sociais, e falta de oportunidade para algumas crianças e adolescentes do bairro. Estes são os principais problemas e, se isto não mudar, o que tende a acontecer? Aumento do trabalho infantil, acomodação, crescimento da cultura “que é melhor trabalhar do que roubar” e, pior ainda, falta de interesse das próprias crianças. É por todos estes motivos que contamos com a atenção e a ajuda para que o nosso projeto se realize e ajude a mudar esta situação.

Objetivo geral

Conscientizar a comunidade sobre o trabalho infantil, para tentar evitá-lo na comunidade Caxangá.

Resultado I

Ao final do projeto, teremos sensibilizado pelo menos 15 das 30 crianças e adolescentes participantes (trabalhadoras ou ex-trabalhadoras), entre oito e 14 anos, sobre o trabalho infantil e os seus direitos e deveres.

Ação I

Aos sábados, serão realizadas seis oficinas, com duração de três horas cada, sendo três para a turma da manhã e três para a turma da tarde. A divisão será feita por idade. Os temas abordarão o não exercício do trabalho infantil e os direitos e deveres das crianças (ECA - Estatuto da Criança e do Adolescente).

Atividades

- Selecionar as crianças que participarão (pesquisa)
- Localizar o espaço físico
- Realizar reuniões para a elaboração das oficinas
- Buscar parcerias
- Realizar orçamento para a compra de materiais
- Comprar materiais
- Providenciar lanches
- Cuidar do dinheiro
- Divulgar o projeto (cartazes e distribuição de jornais)
- Viabilizar estatutos para distribuir para as crianças
- Providenciar vídeo, TV, som e gravador para serem usados nas oficinas
- Elaborar questionário para avaliação

Guerreiros(as) socializando projetos

Nas oficinas, descobri o quanto é trabalhoso lidar com crianças e adolescentes, e acho que sou capaz de fazê-los aprenderem de forma lúdica”...

Jucicleide Lima, da comunidade Caxangá.

Após a elaboração dos projetos, os(as) guerreiros(as) e a equipe técnica do Cendhec tiveram um novo momento de socialização da aprendizagem que tiveram com a elaboração das propostas. O encontro aconteceu no auditório do Sinttel.

A programação teve início com a elaboração de painéis com a síntese de cada projeto, que foram afixados em todo o auditório. Cada participante viu as equipes desenvolverem suas propostas.

O seminário teve como um dos seus objetivos preparar os(as) guerreiros para dialogar sobre suas propostas com os(as) moradores(as) de seus bairros. Para alcançar o êxito, precisavam desenvolver algumas habilidades no campo da comunicação comunitária. Para sensibilizar os(as) meninos(as) acerca desta forma de repasse de informações, o Cendhec convidou a advogada Maria da Conceição Barbosa de Aguiar, uma das coordenadoras do projeto Jovens Comunicadores, desenvolvido pelo Centro das Mulheres do Cabo.

Ela apresentou a importância da comunicação para a mobilização social nas comunidades e como os(as) guerreiros(as) poderiam ter mais sucesso com a divulgação e a adesão da comunidade aos seus projetos, caso conseguissem o apoio, por exemplo, das rádios comunitárias localizadas em seus bairros.

O evento contou ainda com duas apresentações de peças produzidas pelos(as) guerreiros(as) dos grupos de San Martin e UR-2, como forma de divulgar os resultados alcançados com a oficina do teatro de bonecos.

Durante o seminário, os orientadores apresentaram a proposta global dos Agentes Guerreiros da Cidadania, com as ações e estratégias dos sete projetos elaborados. Assim, o grupo de multiplicadores pôde ter uma visão geral de como todos(as) os(as) guerreiros(as) iriam atuar durante o período estabelecido para a execução das ações.



Socializando projetos por comunidade

Projeto Global

Objetivo geral

Sensibilizar as comunidades de San Martin, Vietnã, Campina do Barreto/Chão de Estrelas, Vila dos Milagres, UR-2, Caxangá e Novo Caxangá sobre os direitos e deveres da criança e do adolescente, e os prejuízos causados pelo trabalho infantil.

Público-alvo

- 175 adultos (pais/mães)
- 215 crianças e adolescentes

Ações

- Realização de 21 encontros de sensibilização e dois eventos culturais
- Localização/identificação de crianças e adolescentes trabalhadores(as) domésticos(as)

Em seguida, a equipe do Cendhec apresentou o cronograma geral de atividades, que havia sido construído conjuntamente. O período estabelecido para a execução dos projetos foi de 33 dias, incluindo os encontros dos subgrupos com a equipe técnica, além da discussão das fases de seus projetos e orientações finais.

As atividades aconteceram principalmente aos sábados, pois durante a semana uma boa parte dos(as) participantes estava na escola, participando de programas governamentais - Peti e Agente Jovem - ou estagiando. Os grupos optaram por multiplicar informações durante a semana, à noite, como demonstra o cronograma geral de atividades a seguir:

| Atividades | julho | | | | | | | agosto | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
|--------------------|-------|----|----|----|----|----|----|--------|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|----|
| | 19 | 20 | 21 | 22 | 23 | 24 | 25 | 01 | 02 | 03 | 04 | 05 | 06 | 07 | 08 | 09 | 10 | 11 | 12 | 13 | 14 | 15 | 16 | 17 | 18 | 19 | 20 | 21 |
| Campina do Barreto | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Caxangá | | | | | | * | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Novo Caxangá | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| San Martin I | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| San Martin II | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| UR-2 | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Vila dos Milagres | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | | |

* Encontros de preparação no Cendhec, sobre o conteúdo das oficinas.

M = Manhã | T = Tarde

O que eu aprendi: fazer bonecos de papel machê, tirar uma boa fotografia, ter união no trabalho grupal, falar sem ter vergonha. Se eu quiser uma coisa, tenho que correr atrás. Com responsabilidade de cumprir com o que prometo. Devo fazer o meu trabalho e deixar os outros, se eles não quiserem fazer.

Jessica Kely

- Campina do Barreto (oficina com adolescentes à tarde e com os pais à noite)
- Caxangá (oficinas com crianças e adolescentes - manhã e tarde, além de palestras com os pais à noite)
- Novo Caxangá (oficinas com crianças e adolescentes - manhã e tarde, além de palestras com os pais à noite)
- San Martin I (palestras em duas escolas com os pais, às 19h, e evento cultural à tarde)
- San Martin II (palestras em duas escolas com adolescentes - duas vezes com cada grupo, às segundas e quartas, das 8h às 10h; e às terças e quintas, das 11h às 14h, além de evento cultural)
- UR-2 (oficinas com adolescentes à tarde)
- Vila dos Milagres (oficina com crianças e adolescentes pela manhã)

Executando projetos nas comunidades

Caxangá

Equipe

Ana Célia dos Santos Gomes
Ana Lúcia dos Santos Gomes
Patrícia Santos da Silva
Jucicleide Lima da Silva

Projeto

“Criança fazendo mudança”

Objetivo geral

Conscientizar a comunidade sobre o trabalho infantil, para tentar evitá-lo na comunidade Caxangá.

Atividades

- 03 oficinas com duas turmas, pela manhã e à tarde, com crianças e adolescentes
- 01 palestra para pais e mães, à noite

As oficinas ocorreram na casa de Ana Célia e Ana Lúcia, ambas componentes do grupo, e na Escola Estadual Divino Espírito Santo; já a palestra com os pais foi realizada na casa de Patrícia, outra componente do grupo. Os eventos reuniram 27 crianças e adolescentes, 15 pais e alguns jovens.

Trataram da história do trabalho infantil na comunidade Caxangá, do Estatuto da Criança e do Adolescente, e dos direitos e deveres de meninos(as), também abordando os avanços na luta contra o trabalho infantil. A palestra com os pais foi sobre o tema “A situação do trabalho infantil na comunidade Caxangá”.

Metodologia

O grupo utilizou desenhos, brincadeiras, dinâmicas de grupo, exibição de vídeos, exposição dialogada e teatro de bonecos para crianças e adolescentes. Com os pais, as “oficineiras” fizeram uma exposição dialogada e exibiram o vídeo do 1º Encontro Nacional de Crianças e Adolescentes Trabalhadoras Domésticas, além de uma leitura de texto com a síntese sobre a situação do trabalho infantil no bairro.

Novo Caxangá

Equipe

Verônica Bernardo da Silva
Jessica Karla Avelino Conceição
Eleane Sara de Lima
Fernanda Pereira da Silva

Projeto

“Criança não trabalha, criança dá trabalho”

Objetivo geral

Informar os jovens sobre o trabalho infantil e proporcionar uma maior participação deles na comunidade.

Atividades

O grupo realizou oficinas com 16 adolescentes de 13 a 17 anos, divididos(as) em duas turmas, sendo uma pela manhã e outra à tarde. Foram dois encontros, realizados na associação de moradores, com cada participante sendo convidado pessoalmente a fazer parte das atividades.

O único ponto negativo do processo registrado pelo grupo foi a falta de interesse de pais e mães da localidade em dialogar sobre o trabalho infantil, o que inviabilizou a realização de uma palestra com este público, como previa o projeto.

Metodologia

A primeira oficina discutiu o Estatuto da Criança e do Adolescente através de brincadeiras e dinâmicas de grupo, leitura de textos sobre o ECA, desenhos e pinturas sobre os seus direitos e deveres. Na segunda oficina, o tema foi sobre o trabalho infantil no Brasil e seus prejuízos.

Vila dos Milagres / UR-3

Equipe

Joana d’Arc Melo de Lima
Leandro Araújo de Andrade
Suzane Ribeiro de Souza
Cátia Neves da Silva
Adriano Jailson Santos de Lima
Gleyce Kelle da Silva Sales
Marcelino José Mendes de Carvalho
Tácia Maria Felipe de Souza
Taciana Bezerra de França

Projeto

“Estatuto da Criança e do Adolescente na comunidade”

Objetivo geral

Informar e divulgar o ECA para que a comunidade tenha mais conhecimento sobre o trabalho infantil.

Atividades

Como havia muitas pessoas no grupo, os(as) guerreiros(as) optaram por dividi-lo em duas equipes. Uma ficou responsável pela realização de duas oficinas com crianças e outra por duas oficinas com adolescentes.

As atividades aconteceram na Associação de Moradores da Vila dos Milagres. O trabalho foi desenvolvido em duas etapas, atingindo 57 pessoas, dentre crianças e adolescentes.

A expectativa inicial era de chegar a 30 pessoas, mas o grande número de crianças e adolescentes que atenderam ao convite para a atividade atrapalhou um pouco a concentração dos presentes.

Metodologia

A primeira oficina trabalhou o Estatuto da Criança e do Adolescente e os direitos fundamentais, através de dinâmicas de grupo e exibição do vídeo “Profissão Criança”, dirigido por Sandra Wernek; a segunda abordou o trabalho infantil doméstico e usou como recurso pedagógico a cartilha “Elas não brincam em serviço: 12 histórias de trabalho doméstico de crianças e adolescentes” (versão para educadores), produzida pelo Cendhec/OIT/Save the Children (Reino Unido). Também foram utilizadas dinâmicas de grupo, pintura e teatro de bonecos.

UR-2 (Ibura)

Equipe

Henrique Barros da Rocha
Jaqueline Maria de Lima
Cíntia Lucindo da Silva
Cleiton Ferreira da Silva

Projeto

“Jovem conscientizando jovem”

Objetivo geral

Informar as pessoas da comunidade e reduzir a contratação de crianças e adolescentes pela comunidade. O grupo realizou duas oficinas, em dois momentos, com crianças e adolescentes, com o apoio da Escola Cristiano Cordeiro, local onde aconteceram os encontros. Participaram 21 pessoas, quatro a menos que a meta estabelecida no planejamento do grupo.

Metodologia

A primeira oficina abordou o trabalho infantil no século XXI; a segunda, os direitos previstos no Estatuto da Criança e do Adolescente e os direitos trabalhistas. O grupo utilizou dinâmicas de grupo, leitura de textos e teatro de bonecos.

San Martin

Equipe

Wellizângela Farias dos Santos
Lilian Thaynan Santana Oliveira
Hosana Soares da Silva
Jessica Kely Moreira Silva
Juliana Ribeiro Alves
Rafaela Mirielen Martins dos Santos

Projeto

“Não à discriminação”

Objetivo geral

Promover informações para os pais com relação ao trabalho infantil na comunidade. O grupo focou suas atividades nos pais, partindo da premissa de que a família também tem responsabilidade na ocorrência do trabalho infantil. As atividades consistiram em palestras realizadas com as turmas de educação de jovens e adultos, oferecidas no turno da noite, na Escola Antônio Farias Filho. No planejamento, estavam previstas também palestras no

Centro Comunitário Povo de Deus, mas devido à solicitação da diretora da primeira escola para fazer o trabalho com mais turmas, o grupo teve de se concentrar em apenas um local.

Metodologia

As atividades aconteceram em três momentos, que envolveram 90 pessoas. Foram discutidos os prejuízos causados pelo trabalho infantil e a idade mínima para admissão no trabalho, estabelecida na legislação. Houve exibição do vídeo “Profissão Criança” e exposição dialogada sobre os assuntos.

Merece destaque o envolvimento da escola nas atividades realizadas pelo grupo. Os alunos foram liberados para os debates e, em todos os momentos, houve a participação dos professores, que também trabalharam com o tema em sala de aula.

San Martin / Vietnã

Equipe

Wellesson Farias dos Santos
Pedro Henrique Celestino Ferreira
Émerson José de Castro
Kamila Vanda Rodrigues
Lucicleide Severina da Silva

Projeto

“Guardiães dos direitos da criança e do adolescente”

Objetivo geral

Conscientizar crianças e adolescentes da comunidade sobre os seus direitos. Foram quatro etapas de atividades nas escolas Helena Pugó e Hugo Gerdau. Ocorreram duas oficinas para pessoas de sete a 14 anos, em cada escola. Na primeira, participaram 62 crianças e adolescentes; na segunda 45, totalizando 107 participantes. Nessa experiência, mais uma vez houve excesso de público nas atividades, prejudicando o trabalho realizado. A responsabilidade por este fato também foi da escola, que liberou duas turmas para a atividade, quando o planejado era apenas uma. Além disso, não houve acompanhamento por parte dos professores.

Metodologia

No primeiro momento, os Agentes Guerreiros da Cidadania abordaram os direitos da criança e do adolescente, e os prejuízos causados pelo trabalho infantil, utilizando a técnica de exposição dialogada, alguns desenhos e exibição do vídeo “Profissão Criança”.

No segundo momento, eles(as) lançaram mão dos conteúdos da cartilha “Elas não brincam em serviço: 12 histórias de trabalho doméstico de crianças e adolescentes” (versão para adolescentes multiplicadores), produzida pelo Cendhec/OIT/Save the Children (Reino Unido), que serviu de recurso pedagógico para abordar o trabalho infantil doméstico.

Campina do Barreto / Chão de Estrelas

Equipe

Luzia Figueira Costa
Maurílio Demétrio da Silva Barbosa
Sueny Gomes Pimentel
Tâmara do Nascimento Ferreira da Silva
Márcia Cristina da Silva Barbosa
Leandra de Santana Ramos
Jaqueline Soares da Silva

Projeto

“Criança tem direito de ser criança”

Objetivo geral

Informar pais e adolescentes sobre o trabalho infantil na comunidade. O grupo foca adolescentes, pais e mães de alunos da Escola São Judas Tadeu e liberou duas turmas para as palestras. No entanto, os(as) guerreiros(as) também detectaram excesso de público nas atividades, o que trouxe prejuízo para as apresentações. Outro problema enfrentado foi um defeito no vídeo, que o impediu de ser utilizado.

Metodologia

A equipe realizou duas palestras em dois encontros com 50 adolescentes e 50 pais e mães, atingindo a meta pretendida e abordando os direitos da criança e do adolescente previstos no ECA, bem como os prejuízos causados pelo trabalho infantil. Em sua metodologia, os(as) guerreiros(as) utilizaram exposição dialogada, dinâmicas de grupo e pintura.

Evento cultural

Os grupos de San Martin e Vietnã reuniram esforços e promoveram um evento multicultural contra o trabalho infantil. Contaram com a parceria dos grupos culturais existentes na comunidade e do Clube de Cabos e Soldados, que cedeu o espaço e o som para a realização das apresentações, que começaram às 15h e terminaram às 19h, no mesmo dia.

Seis grupos locais mostraram danças como frevo, forró e brega, e outras expressões como maracatu, coco e capoeira. O evento foi aberto ao público e a estimativa é de que mais de 100 pessoas, entre crianças, adolescentes e adultos, tenham participado. Também foi realizado um sorteio de um kit com duas camisas e uma bolsa do projeto.

Nos intervalos entre as apresentações, os Agentes Guerreiros da Cidadania apresentaram o projeto e o objetivo do evento, que era o enfrentamento do trabalho infantil.

O que eu continuaria fazendo? Palestras, tanto para crianças, adolescentes ou pais, pois eu não sabia que ia gostar tanto de falar e explicar o trabalho infantil. Depois desta experiência, encontrei em mim uma grande qualidade que é se expor em público... Nunca irei desistir de fazer alguma mudança para a melhora do Brasil.

*Maurílio Demétrio,
da comunidade de
Campina do Barreto.*

Avaliando os projetos

Tenho condições de continuar o meu projeto na comunidade, trabalhando com crianças entre sete e 14 anos, conscientizando sobre seus direitos.

Émerson Castro, da comunidade do Vietnã.

A avaliação dos resultados obtidos pelos projetos dos(as) guerreiros(as) nas comunidades - o impacto, as dificuldades, bem como a prestação de contas dos recursos de cada projeto aconteceram juntamente com a equipe técnica do Cendhec, no auditório do Sinttel.

Os resultados dos projetos implementados pelos(as) guerreiros(as) indicam que 423 pessoas das sete comunidades de origem, dentre crianças, adolescentes, pais e educadores de escolas, foram atingidas pelas atividades desenvolvidas pelos(as) guerreiros(as). Além disso, foi bastante significativo o evento cultural realizado em San Martin, que reuniu mais de 100 pessoas.

Notamos que os projetos geraram um impacto positivo nos bairros, muito carentes de atividades voltadas para crianças e adolescentes. Outro mérito apontado pelo grupo foi ter conseguido problematizar um tema naturalizado por boa parte da população - o trabalho infantil, o que motivou todos(as) os(as) jovens envolvidos(as) a continuar realizando atividades semelhantes. Alguns chegaram a receber convites de escolas e associações de bairro para desenvolver ações educativas. O grupo da Caxangá começou, por conta própria, a organizar uma exposição fotográfica sobre o trabalho infantil na localidade.

Mesmo com a equipe técnica do Cendhec tendo sido reduzida de quatro para dois integrantes, uma vez que os dois cooperantes belgas envolvidos com o projeto tiveram que retornar antes do término das atividades para seu país, o fato não inviabilizou o acompanhamento do Cendhec das atividades propostas, garantindo-se sua presença em todas as comunidades e na maior parte das ações empreendidas pelos(as) jovens.

A sensação dos(as) guerreiros(as), da equipe do Cendhec, dos facilitadores e dos demais integrantes das comunidades envolvidas foi de que as discussões acerca do enfrentamento do trabalho infantil foram muito importantes para que os(as) moradores(as) passassem a se engajar na causa. E que a estratégia de envolver os(as) próprios(as) jovens das localidades nesta sensibilização conseguiu atingir até os(as) mais resistentes. Outro ponto positivo foi conseguir mobilizar a população infanto-juvenil das escolas e associações de moradores para os projetos.

A seguir, uma síntese dos recursos técnicos e metodológicos que os(as) guerreiros(as) utilizaram para a realização dos projetos:



Multiplicação de informações nas comunidades

Recursos empregados nos projetos

Caxangá

Objetivo geral

Conscientizar a comunidade sobre o trabalho infantil, para tentar evitá-lo na comunidade Caxangá.

Resultados esperados

1. Sensibilizar pelo menos 15 das 30 crianças participantes (trabalhadoras ou ex-trabalhadoras), entre oito e 14 anos, sobre trabalho infantil e seus direitos e deveres.
2. Sensibilizar 15 pais de crianças participantes sobre a situação do trabalho infantil na comunidade.

Resultados alcançados

27 crianças e adolescentes e 15 pais participaram das oficinas e palestras realizadas.

Principais dificuldades

Pouco tempo para a realização das atividades e imprevistos (escola não cedeu a sala para a primeira oficina, necessitando improvisar o espaço na casa de Ana Célia).

Recursos gastos (R\$)

160,43



Oficina com crianças no bairro Caxangá

Novo Caxangá

Objetivo geral

Informar os jovens sobre o trabalho infantil e proporcionar uma maior participação deles na comunidade.

Resultados esperados

1. Sensibilizar 20 jovens trabalhadores ou ex-trabalhadores, entre 13 e 17 anos, sobre o ECA e o trabalho infantil.
2. Sensibilizar 20 pais, que têm filhos entre 13 e 17 anos (idade de risco), sobre o trabalho infantil.

Resultados alcançados

16 adolescentes participaram das oficinas realizadas. Não houve a palestra com os pais.

Principais dificuldades

Falta de empenho por parte de alguns membros do grupo.

Recursos gastos (R\$)

171,15

UR-2

Objetivo geral

Conscientizar os jovens que o trabalho executado com menos de 16 anos é ilegal.

Resultados esperados

Termos 25 adolescentes de 13 a 16 anos, conscientizados que o trabalho infantil deve ser eliminado.

Resultados alcançados

21 crianças e adolescentes participaram das oficinas realizadas pelo grupo.

Principais dificuldades

Falta de compromisso por parte de alguns do grupo

Recursos gastos (R\$)

169,35

San Martin

Objetivo geral

Informar os pais com relação ao trabalho infantil na comunidade.

Resultados esperados

1. Conscientizar 40 pessoas (pais e mães) no Centro Comunitário Povo de Deus sobre o trabalho infantil.
2. Conscientizar 50 pessoas (pais e mães) na Escola Municipal Antônio Farias Filho.

Resultados alcançados

90 pais participaram das palestras realizadas pelo grupo na Escola Antônio Farias Filho. Não houve atividades no Centro Comunitário Povo de Deus.

Principais dificuldades

O grupo ficou desfalcado devido à ausência de um dos componentes do grupo.

Recursos gastos (R\$)

123,50

San Martin/ Vietnã

Objetivo geral

Conscientizar crianças e adolescentes de San Martin sobre os seus direitos.

Resultados esperados

Queremos ver que 60 crianças e adolescentes sabem sobre seus direitos e também lutam por eles.

Resultados alcançados

107 crianças e adolescentes participaram das oficinas realizadas.

Principais dificuldades

Falta de atenção dos alunos e desentendimento entre os membros do grupo.

Recursos gastos (R\$)

59,30

Campina do Barreto/ Chão de Estrelas

Objetivo geral

Informar pais e adolescentes sobre o trabalho infantil na comunidade.

Resultados esperados

1. Conscientizar 50 pais na Escola São Judas Tadeu sobre o trabalho infantil.
2. Conscientizar 50 adolescentes na Escola São Judas Tadeu sobre o trabalho infantil.

Resultados alcançados

50 pais e 50 adolescentes estiveram presentes nas palestras realizadas pelo grupo.

Principais dificuldades

Na execução e gestão dos recursos, além da falta de compromisso de alguns componentes do grupo.

Recursos gastos (R\$)

207,58

As execuções orçamentárias dos grupos foram realizadas sob a responsabilidade dos seus tesoureiros. A maior debilidade em fechar os balanços financeiros ocorreu porque foi grande o número de despesas pagas, comprovadas por notas fiscais inválidas ou sem valor fiscal. Isto ficou evidenciado na prestação de contas, como demonstra o quadro a seguir:

Prestação de contas dos projetos

| Projetos/Comunidades | Valor do projeto (R\$) | Total de gastos (R\$) | Notas válidas (R\$) | Notas inválidas (R\$) | Saldo (R\$) |
|---------------------------------------|------------------------|-----------------------|---------------------|-----------------------|---------------|
| San Martin 1 | 324,00 | 123,50 | 78,74 | 44,76 | 200,50 |
| San Martin 2 | 118,00 | 59,30 | 36,40 | 22,90 | 58,70 |
| Campina do Barreto / Chão de Estrelas | 232,00 | 207,58 | 152,25 | 55,33 | 24,42 |
| UR-2 | 238,00 | 169,35 | 5,50 | 163,85 | 69,04 |
| Vila dos Milagres | 198,00 | 99,65 | 62,39 | 37,26 | 98,35 |
| Caxangá | 211,25 | 160,43 | 91,26 | 69,17 | 50,82 |
| Novo Caxangá | 200,00 | 171,15 | 109,43 | 61,72 | 28,85 |
| TOTAL | 1.521,25 | 990,96 | 535,97 | 454,99 | 530,68 |

Contribuindo para retirar outras crianças e adolescentes do trabalho infantil doméstico

Além das atividades previstas nos projetos realizados nas comunidades de origem, todos os/as Agentes Guerreiros/as da Cidadania também contribuíram para localizar e identificar outras crianças e adolescentes explorados no trabalho infantil doméstico em suas comunidades.

O grupo conseguiu identificar 60 crianças e adolescentes em situação de exploração no trabalho infantil doméstico nas 07 comunidades. Todas foram cadastradas, através de uma ficha de identificação, e encaminhadas para o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil – PETI, através de uma parceria firmada com a Secretaria Municipal da Política de Assistência Social da Prefeitura do Recife.

4

Comentando a experiência



A participação dos adolescentes na gestão do projeto

Já na elaboração do projeto, tínhamos entendido a importância dos(as) adolescentes em todas as suas fases. Para o Cendhec, a decisão de realizar um trabalho com tal envolvimento representou um grande desafio, pois, até então, não tinha havido na instituição outra experiência com tal nível de participação do público-alvo.

Logo no início do trabalho, o grupo elegeu uma comissão que representasse os(as) 40 adolescentes. Foram eleitos(as) Jucicleide, Marcelino Arruda, Lílian Thaynan, Hosana, Ana Célia e Leandra, que passaram a participar do planejamento junto com a equipe técnica; e Adriana Franco, representante da Save the Children (UK). Nesta oportunidade, já pudemos discutir as estratégias e atividades previstas para acontecer no projeto, escutando atentamente as propostas que os(as) adolescentes tinham para ser incluídas no plano de trabalho. Também ficou estabelecido o cronograma: até o final do período de execução do projeto.

Na verdade, a participação delas e deles começou antes da elaboração do projeto. A sua concepção foi fruto de uma sugestão dos(as) adolescentes que participaram de uma experiência anterior - o Programa de Ação "Prevenção e Enfrentamento do Trabalho Infanto-Juvenil Doméstico no Recife", desenvolvido pelo Cendhec em parceria com a Organização Internacional do Trabalho - OIT - e a Save the Children (Reino Unido). Na ocasião, os(as) adolescentes revelaram o interesse de fazer parte de um novo projeto, em que pudessem se organizar para transmitir, para outras crianças e adolescentes de suas comunidades, os conhecimentos apreendidos nas oficinas sobre a prevenção e erradicação do trabalho infantil doméstico.

Participando de fóruns da sociedade civil

O estímulo à participação em espaços de discussão de políticas públicas foi uma das estratégias de atuação do grupo. Junto com os(as) adolescentes, procuramos identificar fóruns e movimentos coletivos da juventude, para que pudessemos promover a inserção dos Agentes Guerreiros. O Fórum Estadual de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil em Pernambuco e o Fórum da Juventude foram os espaços considerados de maior interesse para o grupo.

Ao mesmo tempo em que acontecia o curso de formação, a equipe técnica foi repassando informações sobre os objetivos e a dinâmica de funcionamento daqueles dois espaços, visando a sensibilizar o grupo para a importância de sua participação.

Oportunamente, duas representantes do grupo participaram da reunião da Coordenação Colegiada do Fórum Estadual de Prevenção e Erradicação do Trabalho Infantil, para discutir a programação comemorativa ao Dia Mundial de Luta contra o Trabalho Infantil (12 de junho). Entre as atividades sugeridas pelos(as) representantes dos Agentes Guerreiros, a realização de um ato público. O Fórum aceitou a proposta e organizou um evento reunindo cerca de 500 crianças e adolescentes, incluindo quem era atendido pelo Peti e os Agentes Guerreiros que participavam de outros programas que atuavam para a prevenção e erradicação do trabalho infantil na Região Metropolitana do Recife.

Dois dias depois do ato público, como desdobramento dessa participação, um representante do grupo reuniu-se com seis representantes de outros grupos para elaborar uma carta contendo propostas para a prevenção e erradicação do trabalho infantil, a ser entregue às autoridades durante o evento cultural comemorativo ao Dia Mundial de Luta contra o Trabalho Infantil.



Participação na reunião do Fórum Estadual de Erradicação do Trabalho Infantil

A tarde cultural aconteceu no Terminal Marítimo de Passageiros, no centro do Recife, reunindo centenas de crianças e adolescentes. O Grupo Agentes Guerreiros da Cidadania montou um estande contendo material de divulgação do projeto, cartilhas, cartazes e publicações educativas de prevenção e erradicação do trabalho infantil doméstico. Também aproveitou a ocasião para lançar a camiseta e a bolsa do projeto, o jornal informativo Jovem Cidadão e a exposição fotográfica “Meu olhar”, com fotos tiradas e selecionadas pelos(as) adolescentes do grupo. A equipe também apresentou um jogral com poesias de uma escritora potiguar.

O grupo esteve representado em audiências públicas na Câmara Municipal de Olinda e na Assembléia Legislativa de Pernambuco, ainda dentro da programação do Fórum Estadual. No Fórum da Juventude, o grupo participou apenas de uma reunião, através de seis representantes, onde foi divulgado o resultado da pesquisa “Juventude e atitude. Qual é a sua?”.

Nos dois espaços de discussão, houve algumas limitações à participação dos(as) adolescentes. Um dos problemas foi a dificuldade de articulação dos próprios fóruns. No caso do Fórum Estadual, percebemos que ainda não existia uma tradição em relação à participação efetiva de entidades ou movimentos de juventude entre os membros da entidade.

Oficina de fotografia

Esta foi uma atividade não prevista no desenho original do projeto, que só aconteceu a partir da parceria com o Fundo de Amigos Belgas. A idéia da oficina de fotografia aconteceu com o objetivo de incentivar a observação dos(as) adolescentes do contexto social que os(as) cercava, sobretudo das características das suas comunidades de origem. Por isso, planejamos para que



Exposição das fotos clicadas pelos adolescentes

ocorresse paralelamente ao Módulo II, incluindo as sessões fotográficas como parte do trabalho de campo. Posteriormente, também solicitamos que fossem feitas fotografias de cenas do trabalho infantil nas comunidades.

Numa primeira análise, foram selecionadas mais de 100 fotografias em preto e branco. Em uma segunda seleção, foram escolhidas 30 fotos para a exposição fotográfica “Meu olhar”, que foi pensada e montada de forma itinerante e circular, nas comunidades de origem dos(as) adolescentes, como recurso de comunicação sobre o tema do trabalho infantil.

Algumas fotos selecionadas também participaram do concurso de fotografia promovido pela Save the Children (Suécia), embora concorrendo com fotografias feitas por profissionais. A exposição “Meu olhar” foi exibida no evento cultural comemorativo ao Dia Mundial de Luta contra o Trabalho Infantil, em 2004, no seminário do Projeto Educar, realizado pelo Pommar/Partners of América, no Hotel Recife Palace.

Passeios culturais



Passeio cultural pelo Recife Antigo

Entre as atividades sugeridas pelos(as) adolescentes, passeios com o intuito de promover a integração do grupo e proporcionar o acesso dos(as) adolescentes em espaços educativos e culturais. A agenda foi diversificada, como se pode observar:

- Reserva Ecológica Charles Darwin, localizada em Igarassu; e Forte Orange, com a participação de 30 adolescentes;
- Terça Negra (evento cultural realizado todas as terças-feiras no Pátio de São Pedro), que ocorreu durante a comemoração do Dia Nacional da Trabalhadora Doméstica, promovido pelo Sindicato das Trabalhadoras Domésticas e SOS Corpo;
- Jornal do Commercio (sede), com 17 adolescentes;
- Recife Antigo (Centro Cultural Bandepe, sinagoga e Torre Malakof, entre outros pontos históricos do centro da cidade).

Participando da roda de diálogo e dos cursos

Através de uma parceria com a Bemfam, ONG especializada em saúde reprodutiva, oito adolescentes de grupo participaram de uma roda de diálogo sobre o uso de preservativo. Foram realizadas consultas médicas (ginecológica e urológica) oferecidas pela entidade.

Estimulados(as) pelo projeto, 18 adolescentes solicitaram sua inscrição no curso a distância para jovens lideranças, promovido pela Escola Quilombo dos Palmares.

Oito adolescentes acima de 16 anos foram encaminhados(as) para o curso profissionalizante de Recepção e Telemarketing, oferecido pela ONG Casa de Passagem. O envolvimento se deu através de uma parceira com esta entidade e o Cendhec, já que ambos compõem o Projeto Arca, apoiado pela Intermon/Oxfam.

A participação intensa dos(as) jovens refletiu-se também na escolha do nome do grupo: Agentes Guerreiros da Cidadania rebatizou o projeto, a logomarca e o material de divulgação que viríamos a produzir (camisas e bolsas). A elaboração do Boletim Informativo contou com a participação marcante do grupo, que redigiu a sua segunda edição.

As atividades previstas no projeto foram executadas de forma satisfatória e dentro do cronograma inicialmente planejado. A parceria com o Fundo de Amigos Belgas permitiu novas ações articuladas àquelas presentes na proposta original, enriquecendo e reforçando nossa intervenção.

Nem tudo são flores...

As maiores dificuldades encontradas durante a formação consistem dos encontros somente aos sábados (o dia inteiro), da jornada bastante cansativa para adolescentes e facilitadores, e da inviabilidade dos outros dias e horários, já que a grande maioria dos(as) participantes estava inserida em programas governamentais - Peti e Agente Jovem - que oferecem jornadas complementares à escola.

Dois técnicos precisaram retornar ao seu país de origem (Bélgica), ao término do seu convênio, deixando a equipe técnica desfalcada.

O trabalho com as famílias dos(as) participantes não foi definido dentro da proposta inicial, embora soubéssemos da importância da abordagem. Esse tipo de trabalho demandaria uma equipe maior e com recursos suficientes para a realização de visitas domiciliares sistemáticas, bem como de reuniões específicas com familiares. Infelizmente, não dispusemos das condições necessárias.

Avaliação do projeto pelos(as) adolescentes

Realizamos uma avaliação com o grupo dos Agentes Guerreiros da Cidadania, para que “meninos e meninas” pudessem expressar suas opiniões sobre toda as etapas do projeto, bem como refletimos sobre as expectativas do grupo para a continuidade da experiência.

O encontro foi facilitado por Roberta Spinelli, contratada para conduzir a avaliação, e Mônica Spinelli, responsável por sistematizar o relatório avaliativo. Participaram 29 adolescentes do grupo, o coordenador do projeto e uma assistente social da equipe técnica. A avaliação priorizou o aprendizado pessoal proporcionado em cada etapa do projeto. Chamaram atenção os seguintes pontos:

- **Convivência** - Ter aprendido a conviver com outras pessoas e com diferenças de opiniões, crenças e valores; e a trabalhar em grupo e cooperar, desenvolvendo a habilidade de escutar uns aos outros. Exemplos: “Aprendi a trabalhar em grupo”; “Aprendi a respeitar as diferenças do outro e a conviver com elas”; “Aprendi a conhecer a pessoa primeiro, antes de dar minha opinião sobre ela”; “Aprendi a ter um pouco mais de confiança no grupo”; “Aprendi a ouvir as pessoas”.
- **Autoconfiança / Auto-estima** - Ter superado a inibição e a timidez, com mais confiança nas próprias idéias e, conseqüentemente, mais coragem para expor as próprias opiniões. Exemplos: “Apesar dos meus erros, aprendi mais a valorizar meu trabalho e a lidar em grupo, perdendo a timidez”; “Aprendi a me superar, pois foi neste mesmo módulo que comecei a expor minhas idéias e pensamentos para o grupo”; “Aprendi a trabalhar em grupo, participar das atividades e expor minha opinião sem medo ou vergonha”.
- **Realidade** - Ter despertado para os problemas coletivos e para a própria responsabilidade, com uma percepção mais aguçada dos problemas da comunidade e da cidade, além da vontade de desenvolver uma nova relação com o lugar onde se vive. Exemplos: “Eu comecei a ver minha comunidade com um olhar mais crítico”; “Tive mais conhecimento sobre a comunidade e vi de perto as dificuldades enfrentadas e o modo de vida das pessoas”; “Descobri nossas origens. Foi uma aula de cidadania e respeito com a nossa cidade”; “Aprendi sobre o jovem da cidade e do país, descobrindo o que cada um faz (o presidente não faz tudo só)”; “Dei mais valor à cultura brasileira, principalmente à minha cidade - Recife”.
- **Direitos** - Ter descoberto a si mesmo como sujeito de direitos (os outros ao seu redor também o são e precisam descobrir isso também, conhecendo os direitos humanos e reconhecendo a violação dos direitos da criança e do adolescente, através do trabalho infantil). Exemplos: “Adorei trabalhar com as pessoas da minha comunidade e dizer sobre seus direitos”; “Aprendi que cada pessoa tem direitos, deveres e deve ser bem tratada, seja presa ou livre, inocente ou culpada”; “Aprendi como os direitos humanos foram criados”; “Me fortaleci muito mais sobre o trabalho infantil”.

- Novas habilidades - Ter elaborado e executado projetos, novidades que trazem ensinamentos para a vida. Exemplos: “Aprendemos a fazer um boneco e a como manipulá-lo e utilizá-lo na comunidade”; “O mais legal foi a experiência de poder elaborar meu próprio projeto e colocá-lo em prática”; “Soube da responsabilidade de realizar e administrar um projeto”; “Ganhei novas experiências e pude aprender a me comunicar com todo o grupo”; “Vimos luz, revelação. Não acreditava que poderia tirar foto com lata. Isto foi intermediário para conhecer a comunidade”; “Através da fotografia, mais uma de nossas experiências, aprendi a conhecer melhor a minha comunidade”.

Para uns, nem todos(as) demonstraram ter o perfil necessário para continuar atuando nas comunidades; para outros, o grupo deve continuar completo, mas com mais rigor na definição e no cumprimento das regras. E perguntamos mais:

O que deve ser mantido?

- “As capacitações”
- “As pessoas interessadas no projeto”
- “O mesmo grupão”
- “As regras, que têm que ser respeitadas”
- “Os passeios”
- “Mais palestras nas comunidades”
- “Bolsa-Auxílio”

O que deve ser feito de novo?

- “Atividades com os núcleos do Peti”
- “Novos temas (sexualidade, drogas, gênero, cidadania, preconceito, jovens e mercado de trabalho)”
- “Cursos diferentes, como Informática e Música, oferecidos pelo Cendhec”
- “Novos trabalhos e mais tempo nas comunidades”
- “Mais seminários”

Aprender a lidar com o público não é uma tarefa fácil. Mas não é impossível... Uma das mais gratificantes experiências que passei foi poder ter esta oportunidade de trabalhar diretamente com as pessoas da minha comunidade. Foi algo maravilhoso e único na minha vida... Realmente vi o quanto cresci e sei que tenho capacidade suficiente de crescer mais e mais, ao longo de toda a minha vida. Claro, nem tudo são flores. Existem pessoas que não contribuem para que as coisas saiam melhores do que esperamos, mas isso acontece em todos os lugares. Depois da noite, vem o dia para nos alegrar (Hosana, em texto escrito durante a avaliação).

A perspectiva da participação de crianças e adolescentes

Participar é a forma mais completa de, com cuidado, atenção e firmeza, nos integrarmos à sociedade, nos comunicando com clareza e sinceridade, compreendendo a nós mesmos, aos outros e às coisas do mundo, tomando parte, enfim, em tudo que seja do nosso interesse e nos diga respeito.

Participar é um direito. A participação é a garantia de que todos os indivíduos, por sua condição de pessoas humanas, têm que ser considerados nos seus sentimentos, idéias e vontades.

Dessa forma, a participação não é uma concessão, um favor feito de alguém para outro alguém, mas a compreensão da importância de se levar em conta sentimentos, idéias e vontades de cada um(a), para construir as melhores maneiras de vivermos juntos(as), formando uma sociedade.

A perspectiva da participação de crianças e adolescentes é entendida pela Save the Children Reino Unido como um direito e um meio de contribuir para a formação de valores, atitudes, habilidades e competências voltados para o processo de desenvolvimento humano, integração social e exercício da cidadania.

A Convenção Internacional dos Direitos da Criança (CDC), mais precisamente os artigos 12, 13, 14 e 15, garante a todas as crianças e adolescentes:

- direito à expressão e influenciamento nos assuntos que impactam suas vidas;
- direito a dar e receber informação;
- direito à livre associação;
- direito a participar da vida cultural das sociedades.

Isso se concretiza principalmente por dois fatores: um externo às crianças e adolescentes, dado pelas oportunidades e espaços que a sociedade (adulta em sua essência) cria para que a população infanto-juvenil possa exercer o direito a participar; e outro inerente à condição de desenvolvimento, no qual os graus de maturidade, conhecimento, desejo, informação e experiência variam e determinam a forma da participação.

De forma resumida, a perspectiva da participação de crianças e adolescentes pode estar descrita em três grandes categorias, que não são melhores nem piores umas das outras, mas condicionadas pelo contexto em que cada situação se desenvolve:

I. Consulta (CDC - Direito a expressar opiniões)

Atividades que possibilitam considerar os pontos de vista de crianças e adolescentes, e de abertura de espaços para que eles(as) expressem sua voz nas atividades que afetam suas vidas, tais como:

- desenho de projetos;
- desenvolvimento de programas;
- elaboração de materiais de incidência;
- consulta com terceiros;
- consulta curricular.

2. Organização (CDC - Direito à convivência e vida cultural)

Atividades em que crianças e adolescentes organizam atividades ou ações, incluindo a realização de eventos culturais e a criação de suas próprias organizações e associações:

- organização de grupos de crianças e adolescentes;
- gestão de suas pautas;
- gestão de atividades de educação e extensão;
- campanhas de saneamento e saúde;
- reuniões com pares e membros da comunidade;
- apresentações culturais e artísticas elaboradas a partir de seu próprio repertório criativo.

3. Intervenção (CDC - Direito a fornecer e acessar informações)

Atividades em que crianças e adolescentes podem atuar proativamente em defesa de seus próprios interesses:

- como membros ativos de organismos de desenho de políticas;
- na negociação com ONGs executoras;
- na negociação com autoridades locais;
- através de incidência política;
- com apresentações para funcionários públicos e poder de decisão¹.

Dessa forma, crianças e adolescentes enquanto sujeitos de direitos que devem ser respeitados, podem participar da construção de alternativas voltadas para melhorar sua vida, sua situação, seu presente e seu futuro.

A participação de crianças e adolescentes ocorre por meio da liberdade de opinião e expressão, que se alia à responsabilidade e ao comprometimento que eles próprios têm de assumir, com idéias expressas, sua capacidade de influenciar e intervir em decisões que afetam suas vidas.

Mas para que essa expressão e capacidade de intervir e decidir possa garantir a integração de crianças e adolescentes na vida social, é preciso que haja interlocutores dispostos a ouvir e ponderar as idéias expostas por eles(as), para que juntos se consiga chegar a um acordo comum, a um consenso.

No projeto Agentes Guerreiros da Cidadania, uma das parcerias entre a Save the Children Reino Unido e o Cendhec, os objetivos referentes à participação compreenderam oportunidades para crianças e adolescentes construírem habilidades/capacidades de se

expressar e influenciar nas decisões institucionais e comunitárias, além do fomento à criação de canais genuínos e eficazes de intervenção e influenciamento.

Na implementação desse projeto, a participação dos(as) jovens integrantes permitiu o debate amplo sobre o trabalho infantil e a defesa dos direitos da infância, além da definição conjunta de ações estratégicas para sensibilizar suas próprias comunidades sobre a importância da desconstrução do censo comum de que “criança pobre tem que trabalhar para ficar responsável”, por exemplo.

Nesse sentido, a Save the Children Reino Unido e o Cendhec acreditam na premissa de que a participação também faz parte do aprendizado institucional e do desenvolvimento e crescimento sadio de todos os indivíduos que estão aprendendo a se relacionar solidariamente com outras pessoas.

Mais do que o direito de se expressar, a participação também permite que crianças e adolescentes descubram o direito que as outras pessoas têm de expor opiniões diferentes. Desta forma, constrói-se a possibilidade da convivência com a diferença e o aprendizado da negociação, premissas básicas para uma sociedade democrática.

No projeto, a participação direta de crianças e adolescentes contribuiu para o desenvolvimento do senso de identidade, da auto-estima, da autoconfiança, do sentimento de pertencimento, da capacidade de organização e mobilização, e da visão de futuro desses(as) jovens.

A metodologia do projeto privilegiou a constituição de uma coordenação conjunta com jovens e técnicos adultos do Cendhec, contribuindo para uma maior equidade nas relações entre crianças, adolescentes e adultos. Não se esperava que os adultos renunciassem à sua própria experiência e ao seu aprendizado, com a participação. Mas que, juntos, a partir do que cada um é, todos definissem as suas formas de agir, tarefas e responsabilidades.

Não à toa, o projeto desenvolvido pelo Cendhec foi escolhido para participar de um estudo de caso, realizado pela Aliança Save the Children.

Em todo o mundo, foram escolhidos sete projetos, de cinco países de atuação da Aliança Internacional Save the Children, que se destacaram por trazer a perspectiva da participação de crianças e adolescentes como estratégia de enfrentamento e/ou melhoria das condições de vida da população infanto-juvenil trabalhadora.

Como resultado, foi redigido o documento “Abriendo Mentes, Abriendo Oportunidades - La participación de la niñez em acciones a favor de niños e niñas trabajadores”, publicado pela Aliança Save the Children em 2004.

Esse estudo trouxe importantes recomendações para contribuir com a disseminação eficaz da participação de crianças e adolescentes nos projetos. Entendemos que este

¹Fonte: Abriendo Mentes, Abriendo Oportunidades – La participación de la niñez em acciones a favor de los niños e niñas trabajadores.

Publicado pela Aliança Save the Children. 2004.

público pode apoiar política e programaticamente tanto as organizações que atuam para a erradicação do trabalho infantil, como as que atuam com crianças e adolescentes na perspectiva de direitos, desde que:

- o enfoque da participação infantil deva ser integrado ao desenho e à execução de todas as atividades orientadas para melhorar a vida;
- as organizações executoras devam assumir um compromisso com os direitos da infância e ser abertas e flexíveis às mudanças;
- nos espaços em que crianças se envolvam em atividades de participação, a transparência e a prestação de contas devam ser princípios presentes no processo;
- o equilíbrio apropriado de responsabilidades adultas e infantis seja garantido na execução do enfoque da participação;
- as iniciativas de incidência política favoráveis às crianças trabalhadoras devam incluir insumos substanciais daquelas envolvidas;
- os direitos à proteção sejam enfatizados, a fim de enfrentar e prevenir fenômenos como a discriminação, o abuso e os maus-tratos, que podem estar presentes em ambientes onde se desenvolve o trabalho infantil;
- dentro dos programas para crianças trabalhadoras, haja espaços onde as mesmas possam se reunir para desenvolver seus próprios planos e atividades, a partir de suas próprias perspectivas;
- o Princípio da Inclusão e Não-Discriminação a todas as crianças envolvidas seja garantido;
- o processo de participação e envolvimento das crianças deva ser compartilhado com pais e mães, a fim de assegurar sua compreensão e apoio;
- a sustentabilidade das atividades de participação infantil seja assegurada.

Portanto, a Save the Children Reino Unido, com base nas experiências que vem desenvolvendo ao longo de sua trajetória - e nesta aqui retratada pela parceria com o Cendhec, entende que a participação não pode ser um elemento espontâneo em programas e projetos institucionais. Para que tal direito seja incorporado como elemento pedagógico e político por nossas organizações, o eixo “participação” necessita ganhar intencionalidade e aplicabilidade. Só assim conquistaremos coerência entre o discurso e a prática cotidiana.